

ASSIGNATURAS
 ANNO... .. 20\$000
 SEMESTRE... .. 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escritorio e Officinas
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

O caso Circumcisão, já notavel nos fastos da miseria dessa politica nefasta, que entregou os destinos da Republica aos governadores dos Estados, provocon grande barulho na Camara, foi pé de cantiga para um bate-bocca pictoresco, sentimental e desaforado, que arraston, quasi, para o Augusto recinto, toda a roupa suja, os trapos intimos da gloriosa *mulata velha*. Houve rispidas explosões de odios velhos suscitando manifestações de ternura filial, affectuosas demonstrações, todas pêjadas de esperanças e despeitos com referencias directas á proxima campanha eleitoral.

Si se tratasse de uma transcendente questão social, si estivesse em causa assumpto de mór importancia, servido pela eloquencia de oradores peritos no officio, o recinto estaria ás moscas, povoado, apenas, pelo pessoal parasitario de pretendentes desconsolados, de *habitués* infalliveis, e alguns deputados assiduos, cumpridores do dever civico ou convencidos de que não fôram designados para passarem alguns mezes de villegiatura no Rio de Janeiro ou para curarem achaques chronicos da bexiga e adjacencias. Mas fervia na arena da discussão um assumpto escandaloso, dissecava-se materia em decomposição, muito appetitosa para a curiosidade morbida daquella gente amollecida na passividade do voto, no ramerrão das deliberações inconscientes: tanto bastou para que a casa se enchesse dois dias seguidos.

Na calamitosa emergencia creada pela mallograda tentativa, parece que a Camara não era theatro proprio para retaliações, escorregando para um terreno ingrato, para o tremedal de convicios, que não deve ser trilhado por legisladores. O conselho da prudencia seria aguardar, serenamente, o resultado dos trabalhos da justiça, das pesquisas para a descoberta dos responsáveis, dos auctores Moraes e mate-

riaes, proximos ou remotos, daquella barbaridade, que, além dessas tristes, detestaveis consequencias immediatas, pôde produzir lamentaveis effectos de um contagio funestissimo.

Para honra nossa, para honra da Republica, esse caso deveria ser tratado com absoluta imparcialidade, com um criterio isento de paixões, de odios, como um caso que interessa as tradições e a honra da primogenita de Cabral. Mas a fome de factos commoventes andava á cata de mantimentos. Os casos mais cabelludos, as monstruosidades mais repugnantes passaram á ordem das coisas vulgares: ninguem se commove mais com as infracções da Constituição, contra a crescente depreciação do senso moral politico, nem causam móssa as desapoderadas bandalheiras dos pagés, dos grãos-duques, chefes de dynastias gauanciosas, donatariosolicitos em assegurar a sua successão na pessoa dos filhos incapazes. Era, portanto, natural que fôsse acolhido com especial agrado esse escandalo de marca maior que todos os escandalos ordinarios.

Deveriam os homens de longa experiencia parlamentar, como o sr. Marcolino Moura, que passou cheio de gloria da guerra do Paraguay para o parlamento, onde creou cabellos brancos; homens como o sr. Garcia Pires, que tem nas veias o sangue ardente da Paraguassú; o sr. Augusto de Freitas, um estegomia delgadissimo e talentoso, armado de um ferrão hervado de ironia venenosa: deveriam esses homens feitos, caldeados nas luctas da politica, ter deante dos olhos o nobilissimo exemplo do correcto, do generoso procedimento do sr. José Marcelino, mantendo a compostura de homem de governo e a hombridade de cidadão, quando lhe sangravam as feridas rasgadas pelas balas da garrucha assassina. Esse homem, cuja attitude na dolorosa emergencia o elevou no conceito do paiz inteiro, não teve nas suas bellas, nas suas magnanimas pa-

lavras de misericordia para com o culpado, um resabio de odio, uma scentella de paixão, um leve assomo de represalia: considerou o sicario um louco, pediu que o não maltratassem, que lhe poupassem a vida. José Marcelino surgiu da sua modesta situação de homem arrastado pela politicagem a um posto superior, para a evidencia dos homens bons e justos, como si ao clarão daquelle tiro se lhe desenhasssem, numa nitidez admiravel, as bellas linhas do character e do coração.

Em vez de se inspirar no eloquentissimo exemplo da victima, aquelles dignos membros da bancada bahiana emprehenderam tecer com os filetes, ainda não bem torcidos, uma prova circumstantial, fabricar a corda com que deveriam ser enforcados, summariamente, o sr. Luiz Vianna e o sr. Seabra, sobre os quaes, por uma complicada concatenação de indicios passados, concomitantes e actuaes, deveria recaír a auctoria intellectual do delicto.

A politicagem sempre foi um pessimo juiz, um juiz cego, plethorico, de odios, servido por esbirros sedentos de reputações dos adversarios. Pódem ser justificadas as suas suspeitas no caso da Bahia, mas a sua intervenção é, por via de regra, precipitada e perturbadora dos processos honestos, dos meios imparciaes de descobrimento da verdade.

Nós não julgamos o sr. Luiz Vianna homem capaz de empregar os processos de eliminação que estiveram em vóga na idade média da Republica, processo jacobino que não encontrou no Congresso profligadores, mesmo ante os clamores do sangue das victimas quando a politicagem assanhada andava pelas ruas farejando a carniça de homens illustres e marcava como o anjo exterminador a porta dos condemnados. A Camara, sopitada talvez pelo terror, não ouzou um protesto caridoso. Sempre caroavel ás paixões desapoderadas, ella repetia, vi-

brante de indignação, os échos das ruas onde a demagogia engendrava absurda prova circumstancial para inventar co-auctores e cúmplices do tredo crime de Antonio Conselheiro. Canudos era o desfecho de um drama satânico engendrado por esse mesmo sr. Luiz Viauna, então amimado, respeitado, engrossado governador da Bahia. O sr. Arthur Rios, pela simples razão de affirmar a verdade sobre as barbaras legiões do grottesco propheta cearense, legiões que se limitavam a alguns fanaticos valorosos, foi forçado a esconder-se porque a sua cabeça fôra posta a premio. O desafortunado coronel Gentil foi eliminado por ser um dos auctores intellectuaes da resistencia que destrôu Moreira Cezar. Era indispensavel corrigir, com largos traços de sangue, o errado plano de campanha daquelle homem de bravura temeraria, punido pela sua arrojada imprudencia. E a eliminacão do sr. Ruy Barbosa foi deliberada e tentada como chave de ouro do programma de holocaustos ao desastre de Moreira Cezar. A intervençào providencial frustrou a obra dos patriotas e poupou ao Brazil essa eterna vergonha da immolação de um de seus mais illustres filhos ao delirio dos empreiteiros de arruaças.

Sente-se uma detestavel e nauseante impressào de ridiculo, relendo os discursos, entào pronunciados na Camara, explosões de iudignação patrióticas que, depois das revelações da verdade, reduzidos serenamente os factos ás suas justas proporções, se figuraram traques e buscapés de uma palhaçada macabra.

Esses fructos da experiencia contemporanea teem o delicioso sabor da prudencia, aconselhando calma, serenidade no julgamento de um caso tão grave, como essa tentativa que commoveu as fecundas entranhas da *mulata velha*.

O *cui prodest* não auctorisa dilatadas deducções. O mandato do crime pôde ter ramificações longinquoas, mas é indispensavel apurar a responsabilidade dos mandantes mais proximos para seguir gradualmente a de outros. Nessa materia, o processo de presumpções, de probabilidades, é perigoso, conduzindo, ás vezes, ao absurdo monstruoso de injustiças iniquas, mórmente quando ellas germinam nos abjectos fermentos de prevenções odientas.

Deixemos que a verdade venha á tona serenamente, que o chaufalho da justiça cáia inexoravel sobre os infelizes desvairados, responsaveis pelo crime, e ponderemos que, nesta crise de tolerancias impudicas, cadeia não se fez para a gente de alto cothurno, amparada pelo prestigio de influencias archi-poderosas, que ninguem se inutilisa com os stygmas penaes da opiniao publica, stygmas que se tornaram, por uma fatal subversão dos preceitos de moral, marcas de recommendação, santo e seulia deante dos quaes se escaucaram as portas de accesso ás mais rendosas posições. De resto, está consagrada uma categoria de crimes politicos dentro da qual cabem, como numa confortavel massorra, todas as figuras juridicas do codigo penal, desde o innocente peccato, com que se pagam serviços de amigos fieis, até o homicidio perpetrado com todas as circumstancias de premeditação, de frieza para supprimir embaraços á marcha assoladora da politicagem. Os homens sem tara, sem vestigios da teratologia epidemica, da uevrose social em plena expansão, devem ser afastados, isolados como especimens perigosos, provocando contrastes incommodos, escandalosos termos de comparaçào, denunciadores do desvairamento geral, dessa loucura que é um symptoma de civilisação.

POJUCAN.

Uma supposta theoria nova da historia latino-americana

Um reduzidissimo resumo de notas estatisticas, ácerca do Canadá, vem mostrar quanto se illude o sr. Bomfim sobre aquella região e sua progressiva e opulenta população.

A riqueza florestal, diz E. Réclus, é sufficiente, ainda hoje, para supprir as necessidades do paiz, e, em parte alguma do mundo, se gasta mais madeira na construcção de casas, galpões, telheiros, caminhos, pontes e no fabrico de moveis e iustrumentos. A despeito disso, as florestas fornecem uma exportação que representa, todos os annos, a quarta parte do commercio total.

Em 1891, os productos florestaes do Canadá fôram :

Lenha.....	3.161.186 metros cubicos
Tóros de pinho..	22.324.407
Doutras madeiras	26.025.584
Mastros e vergas.	192.241
Valor—	115.000.000 de francos.

Os campos occupam uma grande porção das terras agricolas e, de algum tempo para cá, exporta-se o gado em pé para a Europa e vendem-se mais de vinte mil cavallos por anno, e, guardadas as proporções, o Canadá é um dos paizes que os possúem em maior quantidade. As fabricas de queijos e manteigas multiplicaram-se rapidamente, e hoje o Canadá, tornado um grande paiz productor, contribúe largamente para a alimentacão da Inglaterra.

O valor da exportação de gados, em 1888, attingiu á cifra de 45.584.400 francos.

Existiam no paiz, naquelle anno, 2.624.000 cavallos, ou 1 por 2 habitantes. A exportação, em 1874, foi :

Queijos.....	10.625 toneladas
Manteiga.....	5.461

Em 1885 :

Queijos.....	35.560 toneladas
Manteiga.....	3.272 »

Valor em 1885—50.440.000 francos.

A exportação de pelles, em 1888, foi no valor de 9.070.770 francos.

A pesca é uma fonte de lucros quasi inexgotavel. O seu valor annual é de mais de 161.000.000 francos.

A exportação de peixes foi, no anno de 1885, do valor de 41.392.000 de francos, sendo, 18.515.000 francos para os Estados-Unidos e 10.624.790 para as Antilhas, e o restante para outros paizes.

As pescarias canadenses, accrescenta Réclus, dão, sem contar as da Terra Nova, um rendimento annual duplo das da França.

Na agricultura, o trigo representa no Dominio o papel mais importante e, de ordinario, ultrapassa as necessidades do consumo local. A balança do commercio se mostra, quasi sempre, favoravel ao Canadá.

A producção tem vacillado entre sete e treze milhões de hectolitros; e tudo leva a crer que em proximo futuro a exploração das ferteis terras de Mauitoba dará ao Dominio um lugar muito eminente entre as nações productoras de cereaes.

A prophecia do grande geographo está hoje de todo realizada.

O Canadá é, na actualidade, um dos celleiros de trigo no mundo.

A região é, por outro lado, muito rica em productos mineiros e já os explora sufficientemente para estar, como productora de metaes, no numero dos Estados de segunda ordem. As minas de ouro da Nova Escossia fornecem, todos os annos, de 1 a 2 milhões de metal puro; os *campos de ouro* da Colombia fornecem uma producção de quadruplo valor.

Entre os outros metaes, o cobre do Outario e do Lago Superior parece dever adquirir a maior importancia economica. O ferro existe em enorme profusão e os minerios de melhor qua-

lidade se acham na vizinhança das minas de carvão. Estas, na Nova Escocia, no Cabo Bretão, no Novo Brunswick e na Colombia Britannica, augmentam todos os annos sua producção e *luctam com a propria Inglaterra nos mercados do Novo Mundo.*

A actividade manufactureira tomou notavel desenvolvimento a datar de 1879, anno em o qual o Dominio pôde livremente fixar tarifa sobre os artigos de importação e *taxar* até os que lhe são fornecidos pela propria Inglaterra. O numero dos operarios duplicou, e o capital empregado nas manufacturas elevou-se ao triplo. Industrias novas, como a da refinação do assucar e da fiação do algodão, se organizaram e *não existe hoje um só genero de fabricação que não esteja representado nas cidades do São Lourenço.*

A producção elevou-se, sobretudo, nas provincias maritimas e no Ontario meridional, regiões onde a vida social evolúe para o typo industrial.

Em 1881, havia alli estabelecimentos industriaes com um capital de fundação que chegava a 859.570.000 francos, com 254.935 operarios e cujos productos ascendiam ao valor de... 1.610.315.500 francos.

O commercio de importação, no anno fiscal de 1888-89, foi de 566.817.920 francos; o de exportação, 449.095.830; um total de 1.015.013.750 francos.

Graças a seu caminho de ferro transcontinental de Quebec a Vancouver, pondera E. Réclus, que venho seguindo, o Canadá offerece a estrada mais directa entre a Europa e o Extremo Oriente. E, além disso, faz parte do grupo de Estados que possuem a mais consideravel marinha mercante. Posto que seja officialmente uma dependencia da Grã-Bretanha, o Canadá *ultrapassa a maior parte (note o sr. Bomfim) das outras nações pela importancia de sua tonelagem.*

Excedem-no, apenas, a esse respeito, a Inglaterra, a Allemanha e a Noruega.

E todos os annos essa formidavel frota augmenta-se de alguns vapores.

A marinha mercante era, em 1888, de 7.178 navios de véla e 1.240 vapores, com um total de 1.130.240 toneladas.

Os mares, os rios navegaveis, os lagos prolongam-se pelo interior por meio de canaes artificiaes. Essa rede artificial completa tão acertadamente a rede natural dos rios e lagos, que o movimento da navegação com os Estados Unidos cresceu em proporções espantosas.

O Canadá é o paiz (veja, sr. Bomfim) no qual relativamente á população, o vác e vem dos navios é mais consideravel.

O movimento da navegação no Canadá, no anno fiscal de 1887-88, foi de 30.807 navios de longo curso, ar-

cando 9.197.803 toneladas, equipados por 364.781 homens; e mais 100.116 navios de cabotagem, com 18.789.279 toneladas, equipados por 875.954 homens.

A navegação com os Estados Unidos, nas agnas interiores, chegou a 33.496 navios, com 6.019.505 toneladas, equipados por 276.130 homens.

Ao total: 164.419 navios, arcando 34.006.587 toneladas, equipados por 1.516.865 homens.

Compare o sr. Bomfim esses algarrismos, hoje enormemente augmentados, com os congengeres dos paizes predilectos que, na sua lamentavel leviandade, julga mais adeantados que o Canadá. Veja onde fica o seu Mexico. Mas ouça mais um pouco.

Em 1835, segundo informa Réclus, o Canadá construiu seu primeiro caminho de ferro de Lafirairi a São João; em 1844, a sua rede de estradas ferreas era ainda insignificante; mas, desde o meiado do seculo, se preparava o estabelecimento de duas linhas de primeira ordem: a *Intercolonial*, que liga as provincias maritimas — Nova Escocia e Novo Brunswick — ás cidades ribeirinhas do São Lourenço, e a *Grande Arteria*, que as liga aos portos atlanticos dos Estados Unidos.

A estrada de ferro do Pacifico, a grande via média da região, aquella, entre todas as linhas transcontinentaes do Novo Mundo, que apresenta ao commercio univrsal o caminho mais directo, foi iniciada, como já ficou dito, em 1880; mas, cinco annos mais tarde, como tambem já se disse, era levada a bom termo e agóra se completa por vias lateraes e ramificações que chegarão até ao extremo norte, até Alaska e até o mar de Hudson.

Os caminhos de ferro do Dominio, em junho de 1888, se elevavam a 20.440 kilometros, que custaram 3.780.000.000 de francos, ou 185.000 francos por kilometro. Transportaram, naquelle anno, 11.416.791 passageiros, o que dá duas viagens por habitante.

Transportaram 17.172.759 toneladas de mercadorias.

Tiveram de:
 Receita..... — 219.230.000 francos.
 Despeza..... — 159.390.000 francos.
 Lucro liquido — 59.840.000 francos.

E estes são os pobres saxões do Canadá!

Posto que ponco habitado, em razão do clima, em varias zonas, a florescente dependencia britannica já em 1888, em viação ferrea, occupava o oitavo logar entre os Estados do mundo. O seu crescimento annual é de um millhar de kilometros.

A companhia do Pacifico, accumulada de favores, é tão rica quanto o proprio Estado.

A grande linha de Quebec a Van-

conver tem 4.932 kilometros e hoje está mais que duplicada por varias linhas traçadas nas condições da primeira. Sua rede é agóra de 10.458 kilometros. Seu capital de construcção — 5.960.000.000 de francos. E' um colosso.

Como são pobres esses saxões do Canadá!...

E são estatisticas de perto de vinte annos atrás.

A pobreza alli deve ser, no anno da graça de 1905, verdadeiramente assombrosa!

Si chega até para mandar funccionar no Brazil um pobre syndicato, sob o nome de *Light and Power*, cujo capital é maior do que toda a circulação fiduciaria do Brazil, é que realmente é de completa indigencia, sr. Bomfim!

A pobresinha companhia do Pacifico, a transcontinental, é dona de navios a vapor que, pôde-se dizer, continuam suas linhas de um lado para a Inglaterra e, de outro, para a China e Australia. E' muita indigencia junta.

Pelo que toca a telegraphos, os pobres saxões do Canadá fazem o mesmo que ás estrada de ferro: pertencem as linhas, quasi todas, a companhias particulares.

Em 1885, ha vinte annos, já montavam ellas a 32.738 kilometros.

O movimento postal, em 1887, foi de 103.866.000 cartas e cartões postaes, 20 por habitante; 28.660.000 jornaes e impressos, ou 6 por habitante.

Total — 132.526.000, ou 26 por habitante.

Compare com o Brazil, sr. Manoel Bomfim!

No que se refere á instrucção publica, assegura o illustre Réclus, é ella proporcionalmente *mnito notavel*, porque um quinto da população canadense é de escolares, dos quaes dois terços frequentam regularmente as classes. A tal respeito, accrescenta, o Canadá *avantaja-se á Republica dos Estados Unidos.*

Que gente pobre!

O numero das escolas publicas era, em 1886, de 14.491, com 841.030 alumnos.

O orçamento geral do Dominio, no anno financeiro de 1888-89, foi:

Receita... — 198.514.830 francos.
 Despeza... — 190.906.580 francos.
 Saldo — 7.608.250 francos.

Só a renda das alfandegas foi, no anno de 1887-88, de 114.970.660 francos. E' realmente muita pobreza!

Nos derradeiros quinze ou vinte annos, tudo alli duplicou, tudo cresceu, tudo se avolumou, e o sr. Bomfim, que faz sociologia e historia para gaudio dos basbaques nacionaes, não vê nada disso; está completamente cego e alleiado de tudo, pensando

que com *parasitas e parasitismos* resolve todas as difficuldades...

E haver quem acreditasse em tão grosseira panacéa!...

* * *

Não foi sem razão que, logo no primeiro artigo, publicado no numero anterior dos *Annaes*, puz em evidencia o desacerto do sr. Bomfim, no que diz respeito ao Canadá. E' que esse disparatado erro tem origem numma das profundas contradicções que deitam a perder a sua *America Latina*.

Todos os nossos males provém do facto de termos sido colonizados por dois povos *depredadores*, que nos devoraram a seiva como verdadeiros *parasitas*, phenomeno este que se não deu na colonisação dos Estados Unidos pelos anglo-saxões, portadores doutros processos mais fecundos e progressivos. Esta excepção, feita em favor da grande republica, é repetida em varias paragens do livro, nomeadamente nas paginas 133, 194, 200 e 391.

Na primeira destas, escreve: «na America do Norte, os Estados Unidos do Sul estão, hoje, em situação bem prospera. E' que as colonias inglezas puderam *organisar-se desde logo segundo convinha a seus proprios interesses e não fôram victimas de um parasitismo integral*, como esse que as metropoles ibericas estabeleceram para as suas colonias.»

Contradicção manifesta com o que entra depois a affirmar dos anglo-saxões no Canadá, e já se notou.

Na pag. 391, tratando dos colonizadores ibericos, comparados sempre aos anglo-saxões, proclama com rudeza: «Vinham da peninsula, não para fazer aqui uma nova patria, — *americana e livre — como essa da America Ingleza*, mas unicamente para enthezourar».

Contradicção flagrante com estas monstruosas palavras que occorrem á pag. 353:

«Todos os povos occidentaes participam dessas atrocidades; mas a palma, actualmente, cabe aos *implacaveis anglo-saxões*. Como *desfaçatez e crueldade, nenhum os sobreleva*. A fome, organizada e preparada periodicamente (*que violenta falsidade!*...) na India, como recurso para melhor dominar as populações, as atrocidades de Kartum (?) e das Philippinas (?), a guerra feita á China para manter o direito de envenenar-lhe as gerações com o opio tirado do trabalho do hindú, tudo isto nos diz muito bem que *esses anglo-saxões, já tenazes por temperamento, são de uma tenacidade especial quando se applicam a opprimir e espoliar os outros povos.*»

Não pôde haver maior comedia: nuns pontos do livro, o grande mal da America latina foi o *parasitismo de*

sens colonizadores, no que diversa foi a sorte da America anglo-saxonica, formada sob melhores auspicios, devidos ao iuglez; noutras passagens, este vem a ser o rei dos *depredadores, oppressores e parasitas*... Um cumulo!

O *primum mobile* desta contradicção é identico ao que foi indicado para explicar a outra, já analysada: o estado de vacillação, a lueta travada no espirito do auctor entre suas idéas e seus sentimentos. Quando, despreocupado de *latinismos e francesias*, lança olhares imparciaes aos Estados Unidos e outras colonias inglezas, seu pensamento, desanuviado de preconceitos, chega a conceber a verdade. Gaba, então, esses malditos anglo-saxões.

Para logo, porém, lembra-se que é iberico de origem e, como bom rebento de tal fonte, sente-se na obrigação de dizer mal de inglezes, anglo-americanos, saxões e teutonicos de toda a casta.

Convém notar que impossivel quasi é a brazileiros e seus affins escaparem a preoccupações desse genero.

São suspeições ethnicas difficeis de apagar.

E isto me leva a apreciar de perto as theorias fundamentaes do livro.

O que nelle se pôde chamar o esteio principal é a doutrina biologico-social do *parasitismo*, applicada á colonisação dos ibericos n'America.

Em torno dessa desvirtuada premissa, rolam todos os capitulos da obra.

A theoria alli não passa duma desazada geriugonça, sem base nos factos, falsa sob quasi todos os aspectos, nomeadamente no exaggero com que a emprega o sr. Bomfim.

As doutrinas scientificas não andam, infelizmente, ao salvo das imposições da moda.

Depois que P. G. Van Beneden escreveu seu bello livro ácerca dos *Commensaes e parasitas no reino animal*, não se puderam conter os srs. J. Massarte e Vandervelde sem que atirassem ao mundo o seu *Parasitismo organico e Parasitismo social*.

A viagem ascendente do *parasitismo* era innegavel: estudado, com razão, primeiramente no reino *vegetal*, passou a ser estudado, ainda com justos motivos, no reino *animal*, e chegou, por meio de erros e exaggerações, a ser encaixado no reino *social*.

O livro de Massarte Vandervelde contribuiu assás para esse resultado. Pegar delle e applical-o á colonisação de hespanhóes e portuguezes n'America, foi toda a façanha do sr. Bomfim.

Mas, afinal, que vale esse processo de explicação?

O character *parasitario* dos ibericos é uma realidade?

Quando se manifestou elle?

Em que consiste? Veio da Europa ou se gerou na America?

Dado que exista, que seja positivo, pertence a todas as classes das populações peninsulares?

Provado que seja real, não é antes um méro *symptoma*? Parasitas, parasitas!

Mas porque?

Que causa os fez assim?

O auctor embrulha todas estas coisas e fornece dos males da America latina uma explicação que nada explica.

O escriptor não põe fóra de duvida o character *parasitario* das gentes ibericas e esse esticado *parasitismo*, no caso de existir, não passaria nunca de um *symptoma*, um *effeito*, uma *manifestação* de alguma causa profunda que elle não descobriu, nem suspeitou sequer.

Não basta dizer que isto aqui foi obra de parasitarios e suppor que tudo está aclarado, todas as duvidas resolvidas.

O *parasitismo* na ordem social, de que falam, além de Massarte e Vandervelde, Ives Guyot (*La Science Economique*), A. Bordier (*La Vie des Sociétés*), E. Demolins (*La Science Sociale*), e outros e outros, não deve ser tomado no sentido malefico, pejorativo, pessimistico do dr. Manoel Bomfim. A expressão *classes-parasitarias-sociaes, individuos-parasitas-sociaes*, a despeito de sua repetição constante, tem ainda hoje um pronunciado sabor metaphorico.

Muitas vezes, dá-se o character *parasitario* a quem não merece; crê-se artificial o que é natural; acredita-se inutil quem presta reaes serviços.

O abuso das metaphoras, fundadas em illusorias relações de semelhança, é o flagello da sociologia.

Existem preconizadas theorias que não tem outra origem e são incapazes de indicar outro fundamento.

O parasitismo social, no que tem de real, é sempre a excepção num povo dado; absurdo é suppol-o estendido por uma nação inteira. Não poderia ella subsistir e menos ainda representtar uma funcção historica distincta.

Nas sociedades animaes e nas sociedades humanas, os varios modos de aggremação que receberam os nomes de *castas, classes, escravidão, servidão, commensalismo, parasitismo* e outros, não passam de fórmias diversas, ensinam os competentes, do *mutualismo, da solidariedade*, indispensavel á existencia dessas mesmas sociedades.

São producções necessarias, fataes, do principio mesmo da evolução das especies vivas.

«O modo de associação, a combinação social que chamamos *parasitismo*, escreve A. Bordier, não passa muitas vezes dum expediente tomado por certos seres para *accommodarem-se ás mudan-*

cas operadas no meio exterior. Os vermes que hoje vivem como parasitas no intestino dos mamíferos, onde encontram o sustento, o abrigo e numa agradável temperatura, não fôram sempre parasitas, porque os seus antepassados existiam já em uma epocha na qual a evolução das fôrmas vivas não tinha chegado ainda até os mamíferos. Eram, nesse tempo, livres, e a temperatura da atmosphera ou das aguas era, nessas remotas epochas, assás elevada para os satisfazer.

Só mais tarde, quando as condições do meio mudaram, quando, em particular, o meio exterior deixou de ser bastante quente para elles, e um intestino de mamífero proporcionou-lhes novas condições de adaptação capazes de substituir as que haviam perdido, só então é que estes vermes mudaram sua combinação social, e de animaes livres passaram a ser parasitas.

O mesmo se pôde dizer de raças ou populações humanas que só escaparam á morte e á completa extincção, consentindo, no momento azado, em perder a independencia ou a antonomia, para, com outras raças ou outras populações, entrarem em combinações sociais inferiores.

Nem sempre, porém, é num momento dado da vida da especie, isto é, num ponto certo da cadeia formada no tempo pela série dos individuos originados uns dos outros, *que se opéra a metamorphose da independencia em parasitismo*: é varias vezes em um determinado momento da vida do individuo, em uma certa idade que se realiza essa transformação do meio social.

O *ichneumon* nasce como parasita no corpo de uma lagarta; sua mãe depoz o ovo donde elle saíu no fundo da chaga por ella mesma feita para esse fim no corpo da lagarta; sua infancia passou-a elle a comer o corpo dessa especie de ama, a quem sua mãe tinha imposto tão terrivel adopção.

Mas, ao ficar adulto, abala voando, *esquecendo sem emprego de parasita*, do qual só se lembrará quando, um dia, querendo, por seu turno, assegurar o futuro de seus filhos, fôr depositar seus ovos no corpo de outra lagarta, no qual elles exercerão o papel de parasitas, como seu pae na primeira idade.

E os proprios mamíferos não vivem como parasitas de suas mães *durante todo o periodo embryonario*?

Certos jovens não vivem até mais tarde como parasitas de seus paes?

Si o *ichneumon* é um *parvenu*, que conquista opportunamente a independencia, outros seres são verdadeiros *desclassificados*: a principio, livres, são obrigados a tornar-se parasitas nos dias da velhice.

Lorneas e cirripedes são crustaceos, animaes bastante elevados; bem ar-

mados, livres, independentes, percorrem a região por elles habitada como tyrannos temiveis e temidos. Mas, em meio da vida, cansados, sem duvida, de penar, combater e trabalhar para viver, aposentam-se nas guelras dum peixe, ou no corpo dum caranguejo. Sob o influxo da inação, seus orgãos se atrophiam, e o brilhante crustaceo de antanho desapparece e transforma-se num animal gelatinoso, que o naturalista tomaria por um mollusco si não tivéra assistido ao seu descaír.

A humanidade não tem, por certo, o privilegio dos desclassificados e dos preguiçosos! Como si o mundo animal devesse nos mostrar a caricatura da humanidade, alguns animaes mostram o parasitismo dos machos exclusivamente, os quaes vivem, sem nada fazer, do trabalho das *femeas*; estas, condescendentes, apresentam no dorso um córte, um canal em que se instala o principe consorte, donde lhes vem o nome de *thécosomas*.

O parasitismo, sob todos os aspectos, é *uma fôrma natural do meio social*, porque a natureza nol-o mostra, em todos os gráus da escala biológica: *não existe parasita que não tenha por sua vez seus parasitas*, os quaes provocam invejosos que desejam viver á custa delles.

Não se devem, nas relações humanas, tomar como parasitismo factos que não passam, na realidade, de adaptação para outras funcções diversas das nossas, phenomenos que não são mais do que uma isenção de certos trabalhos forçados em vista de outras vantagens.

Mistér é que o parasita tenha sua razão de existir, pois que elle existe.

Sem esses microbios, sem esses parasitas microscopicos, que seria da flóra e da fauna? . . .

E não é por equivoco que o homem, que leva a volver, durante vinte annos, a mesma roda ou o mesmo martello com seus vigorosos musculos, se põe, nas horas de cansaço, a encarar *como parasitas o pintor, o artista, o cientista*? Porque não vê o cerebro destes trabalhar, como vê seus proprios musculos desenharem-se sob a pelle, molhada de suor e negra pelo carvão, esquece que, si executa uma tarefa para aquelles, estes effectuam, par sua parte, um trabalho do qual elle terá seu quinhão de proveito, quer se instrúa e acalme com a vista dum quadro e com a leitura dum livro, quer lucre, em sua vida de todos os dias, com as descobertas do sabio». (*La Vie des Sociétés*, pag. 19).

Eis ali: nestas poucas palavras, já um verdadeiro homem de sciencia nos havia ensinado, ácerca de parasitismo biologico e social, mais e melhor do que o auctor da *America Latina* por si e pelas citações que prodigalisou ás manchieias.

Um facto geral, universal, trivialissimo, indispensavel á natureza em sua estructura viva; um facto que, na ordem social, é egualmente espontaneo e rudimentar, que não é peculiar a este ou áquelle povo, que é de todos os tempos e de todos os logares, que não é um privilegio dos ibericos, nem tem importancia e valor para constituir a base larga duma explicação historica e sociologica, é alçado pelo sr. Manoel Bomfim em alguma coisa de inédito, inesperado e fecundo, a ponto de ser capaz, só por si, de explicar a vida intima de vinte nações: Portugal, Hespanha e todos os povos que fundaram na America.

Erro e falsidade quasi em toda a linha.

E haver quem tenha batido palmas a taes dislates!

SYLVIO ROMÉRO.

SCIENCIA E INDUSTRIA

A cura do cancro — Ainda a descoberta do dr. Doyen — O micrococcus neoformans — Os resultados therapeuticos.

Os leitores tem sido informados, pelos *Annaes*, em varios numeros, de todos os pormenores da questão suscitada no mundo scientifico pela descoberta do microbio do cancro, feita pelo dr. Doyen, famoso cirurgião de Pariz.

No penultimo congresso de cirurgia, affirmára elle, não sómente a descoberta do *micrococcus neoformans*, como que o cultivára, o inoculára com resultado em animaes e obtivera, por meio de uma vacinação anti-cancerosa, a cura de innumerados doentes. Apesar do apoio de auctoridades do valor de Metchnikoff, das experiencias feitas no Instituto Pasteur, a existencia desse microbio foi contestada e, em consequencia, celebres professores contestaram que o dr. Doyen pudesse curar o cancro.

Em conferencia feita no dia 3 do corrente no palacio das Sociedades Sabias, em Pariz, o mesmo inventor fez a exposição dos resultados colhidos nas investigações, estudos, experiencias, applicações e tratamento realizados durante os doze ultimos mezes. Perante um auditorio de eleição, composto de grande numero de medicos e cirurgiões estrangeiros, o dr. Doyen declarou que não se punha mais em duvida a sua descoberta, que varios sabios, em seus laboratorios, tinham encontrado nos tumores cancerosos o *micrococcus neoformans*.

Mas o objecto especial dessa conferencia foi demonstrar que esse microbio, inoculado em animaes, pôde nelles produzir tumores cancerosos, e fez essas demonstrações pelos meios

praticos, empregando projecções luminosas de cortes histologicos, de lezões produzidas em grande numero de animaes inoculados, os quaes, com uma repetição de identidade absoluta, nenhuma duvida deixam sobre o papel pathogenico do microbio, a sua acção especifica, estabelecida com melhores provas e fundamentos do que a de outros microbios como o *pneumococcus* e o bacillo typhico.

— O *micrococcus neoformans* — affirmou elle — que en entrevi em 1885 foi isolado e cultivado em 1900. Esses cinco annos de experiencias ininterruptas não fôram estereis; resolveram definitivamente a questão tão controvertida da ethiologia dos néophasmas. Demonstrei em uma proxima communicação que os resultados therapêuticos, obtidos pela vaccinação anti-néophastica, se confirmam dia a dia e são hoje sufficientes para justificar a esperança da cura de muitos doentes considerados até agóra incuráveis.

* *

Lucta contra a tuberculose — Meios medicos, meios sociaes de prevenção — Sanatorios — Hospícios — Outras obras

Meios medicos — Os dispensarios são escriptorios ou repartições sanitarias disseminadas por toda a parte onde quer que se antolhe o inimigo, esse flagello social, que é o terror das nações cultas, onde quer que exista a coalisão das causas predisponentes ou occasionaes.

Elles são postos de vigilancia, destinados a interromper a pista da tuberculose, a propagar a hygiene e a educação anti-tuberculosa, no lar, nas officinas, no armazem, na fabrica.

A missão do *dispensario* é velar pela explosão do mal na legião de predeterminados, cujos attributos de constituição — estygmas de variola, coloração russa do systema piloso, talhe precoce e demasiadamente alongado, cicatrizes de tracheotomia — e reacções de temperamentos denunciam aos medicos experimentados um terreno innato ou adquirido, especie de terras promettidas ao contagio bacillar.

A missão do *dispensario* é desviar, reconhecer, advertir os néo-tuberculosos, de auxiliá-los por todas as maneiras com subsidios de alimentação, fornecimentos de leitos, de roupas, de cobertas, com os conselhos de hygiene dados em linguagem intuitiva, distribuição de escarradeiras, desinfecções da roupa recebida contaminada e restituida limpa, desinfectão dos quartos, a pretexto de laval-os e caial-os e, em certos casos, dirigir os tuberculosos declarados ao sanatorio ou aos hospitaes especiaes.

A função dos *dispensarios* é limitada; é preciso que, agrupados ou federados, elles se possam desdobrar

em orgãos de cura, em sanatorios, cuja acção, facultativa para os néo-tuberculosos dispostos a utilizal-os, seja o tratamento immediato e apropriado a certa categoria de tysicos, determinados pelos medicos.

Sanatorios — O sanatorio, instrumento de cura, é um orgão de prompto socorro que se deveria offerer aos novos atacados pela molestia, aos fracos, aos predispostos, aos suspeitos, aos quaes aproveitará serem, immediatamente, postos fóra do alcance de condições que, depois de produzirem a erupção das lezões, as ampliassem e continuassem.

Entre os merecedores do sanatorio, devem ser preferidos aquelles que por todos os titulos justificam a admissão — a miseria que os tuberculizou, a idade e a fórma da tuberculose, a qualidade das reacções defensivas do temperamento mais promettedor da cura. Para estes, as probabilidades de restauração da saúde serão tanto maiores quanto a sua tysica ameaçadora fôr consequencia das deploraveis condições do meio em que vivemos: é razoavel que, supprimidos a essas condições, escapem aos primeiros ataques da molestia.

Pelo sanatorio, verdadeira lição de coisas medicas e sociaes ainda mal comprehendidas, nos devemos convencer de que, si innumerous tuberculosos entysicam, apesar das sommas gastas pela *Assistencia* publica e privada, a despeito da bôa vontade caridosa, é porque, desastadamente ou muito tarde, se lhes applica o indispensavel, o que se deveria fazer sem regatear, quando eram mais suspeitos do que declarados os tuberculosos pulmonares.

Aquillo que se fornece aos hospedes dos sanatorios é o que fallece nos dispensarios urbanos — ar puro, livre de poeiras, de fumaças, particularmente nocivas. A' acção do ar, nos sanatorios, se ajunta o reponso, a disciplina respiratoria, a alimentação racional e appetitosa, a educação hygienica que, com o contagio do exemplo, fornecem aos doentes o conforto physico e moral que não poderiam obter em outros meios.

Hospícios. — O terceiro meio medico é o hospicio para os tysicos; hospicio e não hospital, porque se trata de refugios destinados aos doentes cuja cura é tão problematica quanto certo o contagio, refugio que a sociedade piedosa deve aos sens invalidos, sendo os da tysica mais numerosos do que os enfermos pela tuberculose dos membros, ou da columna vertebral, os coxalgicos e os corcundas; hospícios suburbanos ou ruraes onde seriam admittidos todos os doentes que o solicitassem, por humanidade, para serem tratados, por preservação social, para não contaminarem, para

não concorrerem para a propagação indefinida da tuberculose.

Obras diversas. — O quarto meio de defeza a que os medicos recorrem, pôde ser chamado medico social porque, servindo ao mesmo tempo os interesses da cura e da prevenção, possúe as melhores armas preventivas contra a tuberculose.

Pertencem a ellas os institutos que, tomando o menino, candidato á tuberculose ou já suspeito, o collocam, momentaneamente ou em longos prazos, em condições taes que a mudança de meio lhes assegure vida hygienica e melhor. São numerosos, em França, os institutos que collocam meninos e adolescentes no campo e empreendem a missão de afastal-os dos contactos bacillares, de robustecer a sua constituição e lhes mudar o temperamento. Essa função de puericultura, de hygiene therapeutica, de medicina preventiva, fornece o pessoal das colonias ruraes, das colonias de ferias, agricolas e marítimas.

Meios sociaes de prevenção da tuberculose. — Os meios sociaes de prevenção não se referem á cura, mas á prevenção, e atacam as causas occasionaes, cuja influencia é preponderante, em vista da demasiada abundancia de terreno preparado para a semente tuberculosa.

O primeiro dos meios sociaes é a educação, que tomando o menino ás impressões nascentes dos seus sentidos e do seu espirito, creatá nelle o instiucto e os habitos hygienicos, educação hygienica na escola primaria e secundaria, nos collegios de rapazes e raparigas, nas escolas superiores, na escola do soldado, em todos os estabelecimentos de instrucção.

O professor deverá ensinar o que deve ser a salubridade do logar em que vivemos, o que devem ser o asseio e a sobriedade, indispensaveis para a segurança pessoal. Em todas as escolas francezas, em vez da divisa republicana — Liberdade, Egnaldade, Fraternidade — devem figurar, em letras enormes a legenda — Salubridade, Asseio, Sobriedade, divisa explicada todas as semanas ao povo escolar.

Os poderes publicos devem associar a sua acção, na lucta anti-tuberculosa, ás obras de construcções salubres, economicas que tanto teem servido á hygiene popular.

Fugindo das habitações tristes, frias, privadas de conforto, os trabalhadores sobre quem peza o mais largo tributo á tuberculose, vão á taverna onde, insensivelmente, fatalmente, se tornam alcoolicos.

O alcoolismo é o grande precursor da tuberculose. Ao passo que a sobriedade salvaguarda o vigor e a saúde, elle constitúe o agente mais formidavel da fraqueza e da degeneração, deixando o individuo e sua

descendencia, incapazes de resistencia ás molestias, especialmente ao contagio da tuberculose.

Em certas cidades, em certos centros industriaes, fôcos do alcoolismo, a mortalidade por tuberculose attinge a algarismos assustadores. E por maiores que sejam as hecatombes tuberculosas do alcoolismo, ellas são apenas uma parte dos effeitos do mal, porque o alcool não destróe somente o individuo; perverte a sua descendencia. Dos filhos alcoolicos não são somente epilepticos, idiotas, retardatarios, sinão candidatos á tuberculose. Mais de um terço dos filhos de alcoolicos morrem de tuberculose.

Na lucta contra esse flagello, não são a bôa vontade nem as obras que faltam, mas agrupar, coordenar os esforços, federar em uma verdadeira cooperativa sanitaria as instituições existentes.

Esses enormes esforços, empregados em commum, com o fim de extinguir a tuberculose, o mal social da nossa epocha, não serão estereis e marcarão a mais alta expressão das idéas de solidariedade que devem governar a sociedade moderna.

L. LANDOUZY,
Professor na Academia de
Medicina de Pariz.

Fragmentos de estudos da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

Acabando de reler, pela quinta vez, os volumes da *Histoire du Gouvernement Parlementaire*, escripta por Duvierger de Hauranne, perguntei a mim mesmo — porque não temos uma historia, propriamente politica, do governo do Brazil desde 1823 até 1889, periodos que pertencem ao passado e que pôdem ser examinados sem os preconceitos, paixões e coleras dos partidos, e estudados, com imparcialidade, sem as preocupações e interesses de homens, que disputam, ou usufruem o poder publico?

Lembrei-me da primeira assembléa que funcionou no Brazil — a Constituinte de 1823, na qual se congregaram os homens mais notaveis e mais capazes de representar o paiz e que realmente exprimiam o estado moral e intellectual da sociedade brasileira, que, de feito, não podia dar sinão aquillo que tinha.

Poderão dizer-me que o assumpto não é sufficiente para ser materia duma historia politica, desenvolvida com as considerações que a philosophia exige; que, na maioria, aquella assembléa se compunha de homens inexperientes, nos quaes eram frouxos e muito desmaiados os raios de ta-

lento, ou minguada a cultura intellectual; que o paiz, até então colonia de Portugal, vivendo, durante alguns seculos, estranho á communhão das outras nações, devéras não conhecia os movimentos da civilização moderna. Ora, o regimen parlamentar é o producto e a encarnação do progresso da intelligencia, da moral e da liberdade, — coisas que a colonia ignorava.

Que tal assembléa podia fazer em pró das instituições constitucionaes, que consagram, mantêm e elevam os direitos da verdade, da razão e da consciencia humana? Não havia, portanto necessidade de entregar-se alguém ao penoso labor de compulsar papeis velhos, de recolher tradições varias, incertas, quiçá falsas, para conhecer palavras, intenções e actos dos constituintes, que tinham por missão consolidar a obra começada pelo grito do Ipyranga e concluida pelo celebre — *Fico* — e pela aclamação do *Defensor Perpetuo*. Para estes, que pensam de tal guiza, a Constituinte está julgada *a priori*: é uma reunião, de que a historia não se deve occupar.

Houve, porém, uma grande maioria de brasileiros, especialmente da geração contemporanea da fundação do Imperio, a qual maioria, durante a sua existencia, sempre dedicou religioso culto de admiração e louvor aos representantes do povo naquelle congresso legislativo. Nós, que vivemos ainda hoje, ouvimos os contemporaneos da Independencia falar, com transportes de arroubo, dos deputados, que o decreto de 12 de novembro expelliu do recinto parlamentar. Os velhos daquelle tempo, comparando as assembléas do segundo reinado á Constituinte de 1823, na exaltação do patriotismo, no fervor de reminiscencias queridas, respeitavam os parlamentos das gerações novas inferiores ao do tempo de José Bonifacio e do marquez de Maricá!..

Esse ponto de divergencia tem graves consequencias. Si seguirmos qualquer das duas opiniões corremos o risco de desvirtuar a realidade historica, ou acreditaremos que a Constituinte foi um ajuntamento de mediocridades; ou nimiamente notavel e coucentrou em si a magestade, a sabedoria, o patriotismo do augusto senado romano. Em qualquer dos casos, a verdade historica é sacrificada pelo pessimismo duns, ou pelo irreflectido entusiasmo de outros. As gerações, que succederam á da Independencia, alimentaram o espirito com um erro, que não quizeram, até aos nossos dias, dissipar, ou esclarecer. (1)

Convirá que este erro perdure? Não interessa ás gerações novas regeitar os preconceitos dos maledicos, e não crer, de fé implicita, no culto fervoroso dos devotos? A nação actual quererá romper os liames que a pren-

dem ás do passado e menosprezar-lhes a reputação a ponto de ter em pouca ou insignificante conta o restabeler, com justiça, a verdade dos actos que fôram praticados e cujos fructos nos fôram proveitosos? .. Não seria só a obliteração dum nobre sentimento de piedade, mas ainda grave violação do dever de solidariedade social. A nação é um organismo, do qual fazem parte, como membros do mesmo corpo, as gerações que se vão superpondo. A mesma consciencia collectiva passa dumas ás outras, embóra não se manifeste tal qual o *eu*, revelando-se nas profundezas da natureza do individuo, que sente e pensa. Nem o tempo nem o espaço, nem as circumstancias nem as evoluções conseguem desfazer taes liames, que formam a identidade e a hereditariedade; que asseguraram a um povo a permanencia do temperamento, das tendencias, do espirito, dos costumes, da vontade nacional. As gerações transmitem umas ás outras o patrimonio pobre, ou opulento de instinctos, sentimentos, ou de idéas. A historia das gerações precedentes considera-se uma herança util das posteras e esta historia avulta qual força moral, como o clima, representa a força cosmologica do *meio*, onde as gerações nascem, vivem e realizam os destinos: dali, surge a imagem da nacionalidade, a grandeza da patria.

O dever obriga as gerações a se conhecerem, aprendendo umas das outras, conservando o patrimonio herdado, opulentando-o com riquezas, idéas, sentimentos e feitos, que mantenham o caracter e desenvolvam as aptidões, as energias e faculdades da raça de que procedem. Não é, portanto, coisa de nonada recordarmo-nos dos actos e das palavras dos representantes no congresso da geração que fez a grandiosa obra da independencia nacional. Aquelles homens fôram tambem companheiros dos esforçados obreiros, que dedicadamente trabalharam por crear uma patria livre, da qual se ostenta ufano e orgulhoso o Brazil actual.

Não pretendo escrever esta historia, como poderia ser escripta pelos espiritos eminentes que illustram a litteratura brasileira. Espero, porém, em largos traços exhibir a physionomia da nação, que procurava firmar a Independencia nas conquistas da liberdade civil e politica, fructos de bemdição, produzidos pela civilização moderna sob o influxo vivificante do christianismo, que trouxe aos povos a *bôa nova*, evangelisando os principios eternos e supremos de fraternidade e egualdade, de amor e caridade, de justiça e verdade, da inviolabilidade da pessoa e da consciencia humana.

Recolhi das varias tradições as reminiscencias do passado, contadas pelos ultimos contemporaneos da In-

dependencia, da fundação do Imperio e do Congresso Constituinte. Manuziei os volumes do *Diario*, que publicou os discursos e os trabalhos legislativos; procurei interpretar, nas palavras e nos actos dos legisladores constituintes, os sentimentos da alma nacional; esmerillei todas as actas para apreciar não só o valor das idéas, que se transformariam em leis, como para aquilatar da cultura e da elevação do talento dos oradores que nos fôram inculcados como dignos de applausos e admiração. Compulsei as collecções do *Diario* do governo, da *Sentinella*, do *Tamoyo* e de outros jornaes da epocha, para medir a baixeza, ou criterio do espirito publico e poder calcular tambem a acção, que o poder publico exercia na opinião nacional. Outras fontes não existem para dar-nos a nós, que somos já a posteridade dos homens de 1823, informações dos importantes successos, que são elementos indispensaveis duma narrativa historica. Bem escasso e minguaado é o repositorio dos documentos comprobatorios dos factos; de sorte que aquelle que quizer narral-os, indubitavelmente se vê obrigado não só a penetrar nas reconditas dobras da consciencia dos homens, mas tambem a recorrer a multiplas e fatigantes conjecturas, uzadas como um dos processos racionaes da historia, do qual se serviram Sallustio e Tacito, Polybio e Thucidides, até os grandes historiadores do seculo XIX, como Guizot, Michelet, A. Thierry, Taine, em França; os Rancke, Niebhur, o imagiuoso Mommensen e outros na erudita Allemauha, assim como na ambiciosa e grave Inglaterra o illustre lord Macaulay, que, em seu livro, gravou as seguintes phrases: « *acceitarei de boa vontade a coima de haver abaixado a dignidade da Historia — si conseguir pôr ante os olhos do inglezes do seculo XIX uma pintura fiel do seus avoengos.* Em verdade, essa imagem do passado não podia ser feita sem a interpretação dos phenomenos sociaes, interpretação que não se consegue sem os esforços da intelligencia, sem a intuição de actos em suas causas productoras. Entre nós, esse trabalho pouco tem interessado aos pensadores que tentam penetrar nas origens da vida nacional; que entendem não ser a historia méro gaudío de colleccionador, ou a reseña de datas e de nomes dos potentados.

E' assim, por exemplo, que, no inicio da revolução, vemos José Bonifacio como mentor do duque de Bragança, ser um dos principaes auctores do movimento e exercer pujante influencia no coração do príncipe; ensinal-o, dirigil-o, educal-o na tarefa ardua do goveruo do Estado; incutin-do-lhe no cerebro idéas, dando-lhe o exemplo do methodo de administrar,

amestrando-o no jogo dos negocios; preparando-o a vencer e supplantar as exigencias dos patriotas, preconizando e convertendo o arbitrio do absolutismo patriarchal em sciencia de governar, uzando de horridas devassas como expressão, ou affirmação das liberdades dos cidadãos — de repente, no mez de julho, ser expulso do ministerio, e logo brandir o *Tamoyo*, como si fôra arma de combate, contra o Defensor Perpetuo e seu governo, que, pelo decreto de de 12 de novembro, dissolve a Camara, mette num carcere o patriarcha da Independencia, o seu sabio mestre e desvelado mentor!!! Porque essa peripecia no drama, que ambos representavam desde 16 de janeiro de 1822 até julho de 1823? Eis ali o que é difficil, ou antes impossivel de explicar. Não se comprehende tão subita transição. Não é crível, pelo patriotismo e pela nobreza de character de José Bonifacio, suppor que delinquisse e que elle, que guiava a tutelava o Imperador, perdesse, irremediavel e totalmente, a antiga e provada confiança, a amisade filial do jovem soberano. Quaes os motivos dessa mudança?

Os historiadores não dizem. O proprio sr. barão Homem de Mello não os attribue aos Andradas, cujas fronte ciuge com um laurél de glorias.

Os leitores, que pairam por sobre a superficie; que não agitam as entranhas dos acontecimentos — só vêem a demissão do ministerio Andrada no meio da sessão parlamentar, onde nem o ex-ministro declarou as causas da demissão nem a Assembléa indagou; ainda mais: não proferiu palavra allusiva a tal facto. Apontei-o como um daquelles que ainda deslizam envoltos nos véos do mysterio, porque carece de documentos comprobatorios, e estes não existem; consequentemente a narrativa delle não póde deixar de ser firmada sobre uma série de conjecturas, que fazemos em hora opportuna.

O sr. barão Homem de Mello, em livro concernente á rehabilitação da Constituinte, esmera-se em provar que não ha acto, ou palavra da Assembléa desrespeitosa ao Imperador, e quanto ás victimas do desagrado imperial, proclama (os irmãos Andradas) gloriosos benemeritos. Mas, á vista dum facto de tanta gravidade, o illustrado barão julgou, talvez, contrario ao seu plano demorar-se na investigação das causas... Provavelmente as conjecturas não convinham ao escopo do historiador, evitando dizer aquillo que não poderia evidenciar. Apresentando a Constituinte aos olhos curiosos da posteridade, deixou-lhe a tarefa, quasi incomprehensivel, de atinar com as causas; presumiu que os proprios factos explicam-nas, ou as contem.

Duvergier de Hauranne, nesse pon-

to, não uzou de prudente reserva, quando narra a demissão do ministro de estrangeiros do gabinete do conde Villéle sob o reinado de Luiz XVIII. A situação moral, politica da França tinha alguma coisa, que se assemelhava á do Brazil, desde a *Restauração* até á revolução de julho. A nação franceza estava em plena agitação, havia atravessado as terriveis calamidades da *Convenção*, as abjecções do *Directorio*, as prepotencias do *Consulado* e o delirio do glorioso despotismo do *Imperio*.

A *Restauração* emprehendia repor a nação na antiga base social, mas com illusorias promessas de liberdade. Assim, o governo nem era absoluto, nem constitucional; era coisa hybrida, um *modus vivendi*, em que, de sua parte, o rei ora outhorgava direitos na carta constitucional, como fez Luiz XVIII; ora os supprimia conforme a vontade de Carlos X.

D. Pedro (ou o seu primeiro ministro) conhecia o estado dos governos e dos paizes da Europa; de certo, não ignorava a preponderancia da *Santa Alliança* e, por conseguinte, sem reboço governava o Brazil do mesmo modo pelo qual os soberanos europeus administravam os seus Estados. Doutrinado pelo exemplo do que via e iuspirado nas lições do absolutismo, que foi o crédo politico de José Bonifacio, não hesitou em expulsar do ministerio o heroico patriarcha e, quando este quiz, na imprensa e no parlamento, reagir, ou se oppor aos arbitrios do poder imperial, d. Pedro, que havia convocado a Assembléa Constituinte, nullificou-a, dissolvendo-a pelo decreto de 12 de novembro e, arbitrariamente, como poder absoluto, prendeu e deportou deputados; entre elles, o desvelado mentor, sabio mestre e ex-ministro.

A historia da nossa primeira assembléa tem certas obscuridades, que só pódem ser dissipadas, applicando-se-lhe a critica philosophica, comparando-a com as das outras nações da mesma temporada. O narrador, expondo os factos, deve caracterizal-os, moralizal-os, á luz da sciencia e dos costumes do momento; emfim, proceder a analyses psycho-physiologicas, moraes e sociaes. E' obra de criterio, de raciocinio, de conjecturas e de intuição. E, evidentemente, não se limita á prova material de documentos. Assim, a intuição do passado torna-se, talvez, mais difficultosa do que a dos successos ainda escondidos no seio do futuro.

Não ha negar: para ver e comprehender o passado, é mistér apurar os factos, conhecer-lhes as causas e os homens que os praticaram: tudo isso, dependendo muito dos documentos, precisa, principalmente, do criterio philosophico, porque a historia é, por assim dizer, a psychologia em acção,

dando os productos da vontade, da intelligencia, dos caprichos, das paixões, dos erros, dos vícios e das virtudes dos homens que viveram em cada epocha; logo, é o estudo do homem em sua realidade, complexa e multipla.

Depois da dissolução da Constituinte, circularam varias e desconhecidas versões, que todos ouvimos da bocca dos contemporaneos. Os proprios documentos parecem em contradicção com os factos. Os documentos officiaes, sobretudo, são susceptiveis de severa e victoriosa contestação; não devem ser acceitos de boa fé. Suscitam alluvião de duvidas os Decretos de 12 e de 13 de novembro, a Proclamação da mesma data, o Manifesto de 16 de novembro, o Decreto de 24 que mandou abrir *devassa* (sabemos que as devassas fôram sempre a arma da predilecção do liberalismo de José Bonifácio); finalmente, até algumas publicações dos deputados dissolvidos. Versões e documentos de qualquer origem não podem passar sinão pelo cadinho de rigorosissima critica. Todos se contradizem. A Proclamação e o Manifesto pintam as coisas a seu modo e conforme os interesses duma das partes; as hypocrisias do poder usurpador mal se escondem; impudentemente se revelam.

Ao contrario, a intuição dos successos do futuro só depende da observação do presente, do criterio e perspicacia do observador em saber atar as relações dos factos de sorte que possam dar a somma, ou os resultados; não tem que lutar com os obices que os interesses, os calculos e as paixões oppõem. A intuição do futuro, desembaraçada de taes obstaculos levantados á do passado, apparece nitida e contém a verdade, que prima como força vital das narrativas dos acontecimentos. Expol-os com imparcialidade e justiça é o primeiro dever de quem narra; apural-os com paciente coragem e meditação é uma condição indispensavel para acertar. Mas, no cardume de factos, de que maneira descrevê-los e dizer aos leitores das novas gerações: — eis aqui os pensamentos e os actos dos vossos avoengos, como ambicionava lord Macaulay falar aos inglezes do seculo XIX, ainda com o risco de se lhe increpar de haver aviltado a dignidade da historia?

Conheço as difficuldades e os riscos de tratar de taes assumptos; sei que muita gente considera de nenhum valor e até coisa inutil revolver cinzas na necropole da historia. Embóra! Recolhamos as remiiscencias do passado e mostremos, como fôr possível, á mocidade—que estas recordações contém grande e interessante parte da vida da antiga sociedade brasileira. Dellas extrairemos uma narrativa de todas ou das principaes circumstancias que ex-

plicam os actos da Constituinte, as causas de dissolução; que possam, ao menos, indicar os motivos reaes e occultos do procedimento arbitrario e oppressivo do governo imperial naquella conjunctura, em que a nação, despedaçando os grilhões do dominio colonial, aspirava consolidar a obra mal segura da independência do territorio e aquinhoar dos beneficios da liberdade civil e politica, entrando na liça, onde se debatem interesses, idéas, energias e grandezas da civilização moderna.

Essa historia da Assembléa poderia ser de pouca ou de secundaria importancia num paiz, que tenha praticado feitos portentosos. Releva, todavia, notar que, em todas as nações, os factos não tem valor superior nem grandeza, que supplantem e annullem os do tempo da Constituinte.

O povo brasileiro mostrou elevado sentimento de honra e dignidade, de moralidade e de cordura, dignos de apreço. Queria a liberdade constitucional, que lhe fôra promettida, confiando á Constituinte a realização dos patrióticos anhelos. Contar as peripecias do drama, ensaiado nos campos do Ypiranga e terminado pelo desenlace do Decreto de 12 de novembro, implicaria compendiar os factos politicos dessa quadra, importaria traçar um vasto quadro; si, porém, nos não fôr possível fazel-o, tentaremos esboçar a parte mais saliente das luctas e dos infortunios da liberdade contra as prepotencias do absolutismo tradicional, que foi a norma perenne do governo do primeiro reinado desde o ministerio Andrada, de 16 de janeiro de 1822, até o gabinete dos marquezes, submergido nas ondas populares—vozaes—no dia 7 de abril.

EUNAPIO DEIRÓ.

(1) Alguem tentamen, no intuito de estabelecer a verdade, tem-se feito: por exemplo, o livro do sr. barão Homem de Mello; mas este illustre escriptor collocou-se num ponto de vista especial; é como que um irreductivel.

PAGINAS ESQUECIDAS

SAUDADES DO CÉO

Vejo em teus olhos, creança,
A's vezes uma saudade,
Entre os clarões da esperança!
Saudades na tua idade?...!

Da terra não podem ser,
Alguma estrella haverá,
Que do céo esteja a ver,
E a quem tu sorris de cá!

Quando sentires no mundo
Bramir a voz da procella,
Não percas, no céo profundo,
Jámais de vista essa estrella!

Soccorre-te ao seu clarão,
Na infancia e na juventude,
Que terás no coração
A eterna luz da virtude!

Oh! en bem a conheci,
Quando te andava a beijar,
Tão cega de amor por ti,
Tão triste, por te deixar!...

Sei quem é! Olha, creança,
Daquelle aujo de bondade
Foste na terra a esperança,
Hoje és no céo a saudade!

BULHÃO PATO.

* * *

OS MORTOS

Os mortos são felizes. Enquanto nas dolentes celebrações da Igreja, ao pé dos altares luzentes, deante de Jesus rôxo e descarnado, os tristes e os simples rezam pelos seus queridos mortos, elles andam dispersos pela grande natureza, pelas florestas esgue-delhadas, pelas espessuras sonoras, pelas nberdades da seiva, pelos sulcos fecundos, por todas as verduras d'acre cheiro.

A sua carne soffren, empallidecen com os medos, emmagreceu com as febres, engellhou-se com os frios; mas agora anda, repousada e sã, pelas frescas vegetações, pelos fructos coloridos, na luz selvagem e vital do sol, nos átomos da noite constellada e suave.

Os que morreram nos apodrecimentos das febres desfizeram-se no seio da terra planturosa, fôram sugados pelas raizes e, confundidos com a seiva, vêem outra vez para o sol, em fórmula do fructos, de corollas, de ramagens ondulosas.

Os que morreram sobre as aguas do mar desfazem-se entre as verdes profundidades, entre as areias, os coraes, as conchas, os rochedos, e vêem depois, sob a fórmula d'ondas, embalarem-se serenos ao sol, ou de noite estirarem-se ao peso da mollesa que escorre dos astros, ou de madrugada, cantando com barbaridades de raíuias e doçuras de santas, acalentarem o povo dos pescadores, silencioso e trigueiro.

Os que morrem sobre os montes, como os pastores contemplativos, são consumidos pelo sol; e andam dissipados pela luz hieratica das estrellas, pelos vapores molles das nuvens, pelas auroras; são os átomos de luz, serenos, fecundos, consoladores e purificadores.

Assim os mortos são felizes.

Nós outros andamos ruidosos e nocturnos, gordos ou empalledecidos, esfomeados de materialidades, calcando as Margaridas, perdidos nos

deslumbramentos da carne; celebramos as religiões, esboçamos deuses, riscamos sociedades no ar; e, nervosos, desconsolados, derrubadores, no meio desta forte vitalidade—como um lavrador que suspende a enxada e se fica, todo amarello, a pensar na velhice sem pão e sem lume—estamos sempre a sustar as nossas alegrias alumiadas e sonoras, para pensarmos, aterrados, nos esfriamentos lugubres do tumulo.

E, entretanto, os mortos, que são os paes, as irmãs, as bem-amadas, as mães, estão pela natureza, pelos montes, pelas aguas, pelos astros—serenos e immaculados. E porque tememos a morte? Que instincto tenebroso ou sagrado nos faz amar tanto esta fórma humana, estes cabellos, estes olhos, estes braços enrodilhados de musculos? As arvores, as florescencias, aservas, as folhas, são tambem fórmas da vida, santas e cheias de Deus. Por toda a parte, pelas familias das constellações, pelos planetas, pelas arvores, pelos lividos interiores da terra, pelas aguas, pelos vapores, pelos prados fecundos, escorre a seiva, o átomo santo, a alma universal! Por toda a parte ha attracções, amores, antagonismos, repulsões, polarisações, alegrias, estiolações, pollens, alma, movimento—vida. Porque ha de então ser esta fórma, que tem braços e cabellos, e não aquella, que tem ramos e folhagens?

A vitalidade é a mesma, cheia dos mesmos instinctos negros, sagrados, luminosos, bestiaes, divinos.

Por isso, os mortos são felizes, porque andam longe da fórma humana, onde ha o mal, pela grande natureza santa, onde só ha o bem, na pureza, na serenidade, na fecundidade, na força.

Bemaventurados os que vão para debaixo do chão, porque vão para uma transfiguração sagrada. Mal cáem sobre elles as ultimas pazadas de terra e o canto dos padres, barbaro e dolente, se perde com o fumo dos cirjos, o corpo fica só na plenitude da noite e do silencio, perante a grande vegetação esfomeada; elle váe dar-se alli como pasto ás boccas sinistras das raizes: elle amollece entre as humidades da terra e desfaz-se em podridões: então, as raizes começam a sugar e a comer: a podridão transforma-se

em seiva: a seiva sóbe pelos troncos, estende-se pelos ramos, palpita dentro da arvore, engrossa, fecunda, arredonda-se nas exuberancias dos gomos, e abre-se depois em folhagens, em florescencias e em fructos: e o corpo transformado vê outra vez o sol, as grandes poeiras, e sente os orvalhos, e ouve as cantigas dos pastores, e vive sereno, repousado, na floresta immensa.

E, no entanto, junto daquelle corpo, que soffreu a metempsychose do bem, foi enterrado outro, num caixão de chumbo, entre pedra e cal, hirto e embalsamado. Entre a enorme palpição diffusa, enquanto em redor se váe operando a lenta transformação da semente, onde já estão em germen as folhas, os troncos, os fructos, as flôres, os ramos que mais tarde o vento atormentará, entre as raizes fortes e retorcidas dos arbustos, entre as ondas da seiva, entre as verdades e as voluptuosidades creadoras da terra fecunda, o cadaver embalsamado alli está, inteiro, hirto, rijo, feio, livido. Elle inveja os átomos livres e soltos, que sóbem e descem no encruzamento das vitalidades, que se deslocam e escorrem, como grãos dum sacco, desde as constellações e os cometas, até ás espumas castas das fontes: alli, sequestrado á natureza, não se póde dissolver na eterna materia forte: não tornará a ver o sol, as noites amollecidas de orvalhos, os soluços lascivos do mar... Que estranha fatalidade pesava sobre elle, que nem a morte o libertou?

Oh! possamos nós todos ter sempre em vida a religião do sol, da belleza e da harmonia; movermo-nos na atmosfera serena do bem e da liberdade; ter a alma limpa e transparente, sem sombras de deuses e de tyranos; sentir o enlaçamento divino dos braços da bem-amada — e depois, ó santa Natureza! toma os nossos corpos para fazer delles arvores cheias de sombra e ramos resplandecentes!

E ao menos, durante a vida, convivamos com a natureza. Quando entramos numa floresta, parece que a luz do sol, que escorre abundante e fecunda, nos enche todo o interior, despertando alli, como faz nas madrugadas de maio, os córos de passaros: e depois ha um responso sagrado, como se todas as iras, e as amarguras,

e os desalentos, e os terrores, se curvassem na mesma humildade, ao elevar-se na alma uma hostia mysteriosa.

Durante o dia, ha, nas florestas, uma santa celebração: as arvores estão graves como sacerdotes; as flôres incensam; a luz do sol é a alva flamejante e serena que a floresta veste: e ella murmura um canto dolente e sacro, acompanhado pelos passaros religiosos, e dentre as ramagens eleva-se uma paz viva, fecunda e consoladora, como uma vaga hostia: e, ao fim da missa, as arvores, balançando entre os ramos, parecem lançar ao povo curvado das plantas, daservas e das relvas, a sua benção soberba.

Ora, quando passamos entre estas celebrações, tristes, humildes, purificados, de entre a folhagem que se aninha, inquieta, no seio do vento, sae, para nós, toda a sorte de vózes, de saudações e de confidencias.

São os nossos queridos mortos que nos fallam; e então toda a materia tende a elevar-se, a desfazer-se em vapores e orvalhos, a ir pouzar, com suavidade e doçura, nos seios da folhagem, que já fôram seios amados...

E depois a natureza tem immensos perdões e reconciliações formidaveis; todos os odios tragicos, todos os corações ferózes se fundem divinamente na promiscuidade sagrada da terra. Ella não escolhe; tudo lhe é bom; as raizes das rosas pastam a podridão dos tyranos; e dos homens que na terra ensanguentaram, dilaceraram, profanaram, faz carvalhos austeros e cedros religiosos.

Ella é mais doce que as religiões: nas Escripturas Judas atraíçôa Jesus, e, no entanto, ha muito tempo que os dois corpos—o do homem luminoso e o do homem escuro—andam enlaçados e dissolvidos nas mesmas auroras e nas mesmas corollas.

Ella acolhe, indifferente, todos os ritos, todas as religiões: as mesmas oliveiras, que na Grecia encobriam, serenas, as choreias nûas dos ritos de Baccho, cheios de ondulações lascivas, encobriram depois, agitadas por um vento feróz, sob a luz irada das constellações, o pobre Jesus, gemendo, arrastando-se na rocha e nas silvas, suando sangue, bradando afflicto na noite das Agonias.

A's horas em que acabo estas linhas, váe o dia a declinar: agora, lá

ao longe, nos campos, lembra-me que anda o sementeiro erguido sobre os sulcos, roto e sereno, espalhando o grão com gesto angusto: e parece-me vel-o aqui, entre as transparencias morbidas do anoitecer, distribuindo a vida: são os corpos dos seus avós, que elle assim espalha pelos sulcos fecundantes; são elles que se tornaram searas e que lhe dão de encher o celeiro; são elles que lhe dão a comer a sua carne e a beber o seu sangue. Sagradas transfigurações!

Assim, é na natureza que devemos ir procurar as consolações, estremecer com os amores mortos, chorar no seio das maternidades passadas. E' na natureza que se deve procurar a religião: não é nas hostias mysticas que anda o corpo de Jesus — é nas flôres das laranjeiras.

(Novembro, 1866).

EÇA DE QUEIROZ.

POLITICA MUNDIAL

A ABSORÇÃO NORTE-AMERICANA

Não ha negar que, no decorrer de poucos annos, desde o ultimo conflicto armado em que sua bandeira sómente conheceu os fulgores do triumpho, muito se avantajaram os Estados-Unidos no caminho do mais decidido imperialismo. Presos a um plano, com antecedencia delineado, a principio obraram com certa prudencia, já porque estivessem consciuos de sua inexperiencia de nação nova, já pelo facto de não possuírem ainda os elementos precisos de força para dar solido e efficiente realce ao seu prestigio.

Antes, porém, que as batalhas de Cavite e Santiago libertassem a aguia americana das ultimas peias, elementos preciosos de um futuro *dominium* já tinham sido deixados em varios pontos da America Central, notoriamente no Honduras e no Nicaragua. Vencida a Hespanha, a americanisação *yankee* agiu mais desassombradamente, ora annexando ao territorio nacional terras estranhas, oppostas aos conquistadores pela raça e educação dos seus filhos (caso de Porto-Rico), ora repudiando apparentemente o systema de conquista e ontorgando ao novo elemento emancipado a independencia, a liberdade (caso de Cuba). No entanto, a historia da União, caso fôsse consultada, acudiria immediatamente com um facto analogo, e cuja solução certamente obrigaría qualquer espirito á patria de Maximo Gomez. Pelo que

sucedem á republica do Texas, facil será vaticinar o futuro de Cuba.

O heróe mundial da actualidade, o presidente Theodoro Roosevelt, encarregou-se de tornar bem claro qual o dever que incumbe aos Estados-Unidos no tocante os demais paizes das duas Americas; em poucas palavras, despidas de euphemismos e expurgadas de quaesquer artificios perturbadores, é licito estabelecer o fim almejado pela grande republica do norte: o assenhoreamento economico do continente e a hegemonia politica de todos os povos americanos.

Basta commentar certas expressões e notar a repetição de outras tantas palavras para que a evidencia do que acima ficou dito se torne patente.

Algumas vezes, em nome da estafada doutrina de Monróe, affirmam os governantes de Washington o seu proposito de não consentirem em possiveis intervenções europeas, a *não ser de caracter temporario*, legislando, dest'arte, em assumpto em que justamente o principal interessado jámais é ouvido; outras vão mais longe, chamando a si o papel de mantenedores da ordem em todas as terras americanas, com flagrante desprezo da força e do valor de certas nações ainda não decaídas a ponto de precisarem de um desvelado tutor que as proteja de aggressões gratuitas.

Mas não bastam as allusões; é mister que factos se produzam tendentes a demonstrar que existe na America uma nação á qual devem prestar obediencia todas as mais, obediencia cega e respeitosa porque faz parte a submissão do Continente Novo de um plano gigantesco, que viza concentrar os destinos do mundo nas mãos da gente anglo-saxonica da America.

O canal dos Dois-Mares, como lhe chamam, deve representar papel importantissimo na historia futura do mundo; para nós, americanos, a abertura dessa communicação pelo isthmo de Panamá tradúz um elemento a mais para fortalecer as tendencias absorventes da União.

Antes de examinar as consequencias decorrentes deste facto, seja-nos dado apresental-o como um elemento concreto das doutrinas avassaladoras do presidente Roosevelt e de numero não pequeno de seus compatriotas.

Quando foi aberto o canal de Suez, nenhuma nação europeia se lembrou de reivindicar-o como propriedade sua, mandando guarnecer-lhe as entradas por forças militares e ainda menos cuidando de levantar ali fortificações; a que assim tentasse agir veria immediatamente este seu procedimento imprudente rebatido com a maxima energia por todas as outras.

Em opposição a este proceder, como pretendem se haver os Estados-Uni-

dos? De modo mui diverso, como se vêe ver.

Si, em verdade, é o capital americano quem deva custear as obras do canal, cumpre não esquecer que este tem de atravessar terras que não pertencem aos Estados-Unidos *directamente*; como então pretendem estes neutralizar uma zona sufficiente para que ali possam ser levantadas fortificações com guarnições permanentes?

Possuidores de já respeitavel esquadra e desejosos de augmental-a ainda mais, facil seria para os americanos a occupação das duas extremidades do canal sem recorrer á violação de territorio estranho, com a aggravante de encobrirem esta acquisição mais ou menos forçada com a farça hypocrita de um arrendamento, tal qual procedem as nações europeas no Extremo-Oriente.

A occupação do isthmo obedece, pois, a considerações de ordem economica, estrategica e politica; mais tarde, si um ponto qualquer do continente ou uma ilha fôr reclamado pela sua conveniencia, aguardem os seus legitimos possuidores a inevitavel intervenção seguida do arrendamento obrigatorio, de nada servindo protestos ou ameaças, a não ser para aguçarem as exigencias da nação preponderante.

Como já o fez observar o dr. Manoel Bomfim, começa a Europa a considerar a republica norte-americana como o verdadeiro intermediario a quem se deve dirigir, no caso de quaesquer complicações com uma nação do Novo Continente; no actual conflicto entre a Republica Franceza e a Venezuela, por causa da Companhia dos Cabos, não hesitou o representante da França em solicitar a intervenção amistosa do governo de Washington, não recorrendo desde logo a um *ultimatum*, tão compenetrado estava da importancia dos Estados-Unidos, da sua missão junto aos demais povos do continente.

Nação de 80.000.000 de almas, em breve formidavelmente apparellhada para disputar o *sea power*, conhecem-lhe o valor e a importancia nos designios do mundo os governos europeus; por isso, transigem com ella aqui para auferir alhures proventos, que a theoria das compensações lhes deve reservar

Os resultados obtidos mais e mais levarão os americanos para este imperialismo, que não se satisfaz com um continente querendo transformar o mais vasto dos oceanos em um mar *yankee*; para as nações do Novo Mundo, uma tal politica constitúe serio perigo, contra o qual nunca serão inuteis todos os esforços que concorram para lhes assegurar a paz, a ordem, a honestidade e a firmeza das instituições, elementos imprescindiveis para a repulsa de qualquer ele-

mento estranho attentatorio á sua soberania, á sua independencia.

GASTÃO RUCH.

O ALMIRANTE (55)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XIX

Na saleta de espera, quasi escura, a marquezia devisou uma figura de homem, que não pôde logo reconhecer. Era o dr. Leonel, postado num angulo sombrio.

— O senhor! — exclamou ella, assustada.

— Desculpe-me, vossa excellencia — acudiu o conspirador, approximando-se lentamente — Verificando que não recebia, que não tinha visitas, apressei-me em aproveitar o ensejo para não perder um minuto do tempo que me toma este negocio a que me consagrei de corpo e alma.

A marquezia hesitou. Acudiam-lhe á memoria as suspeitas do seu amigo Martins, de algum modo justificadas pela antecipação da hora marcada para a entrevista.

— De hontem para hoje — observou a marquezia, com voz tímida que lhe saía dos labios como um sopro extenuado — tenho pensado e... não sei si deva...

— Si vossa excellencia hesita — acudiu o doutor — si desconfia, não perderei tempo em justificações inúteis: nada mais temos a fazer; figuramos que não tratámos coisa alguma. A senhora ficará com os seus milhões, eu, com as minhas idéas, com as minhas esperanças patrioticas, mais uma vez desilludidas. O momento é de agir com energia, com lealdade e coragem; não comporta vacillações, nem fraquezas. tão pouco se presta a regatearmos sacrificios.

— Si deixassemos para amanhã.

— Amanhã talvez esteja perdido todo o trabalho feito com tanta paciencia e felicidade. Os meus amigos me esperam anciosos: eu lhes prometti, fiado na palavra de vossa excellencia e qualquer evasiva ao meu compromisso provocará uma justificada desconfiança desanimadora.

E como a marquezia não retrucasse, o dr. Leonel concluiu com a sua voz rouca, repassada de ironia:

— São todos os mesmos, os amigos fieis da monarchia; encolhem-se todos no momento decisivo, no momento do menor sacrificio. Perdê-me vossa excellencia o incommodo.

O dr. Leonel fez sua reverente cortezia e se dirigiu para a porta.

— Espere — disse vivamente a mar-

queza, detendo-o. — Eu tenho receio de me arriscar levemente.

— Eu seria incapaz de arriscar uma senhora, como vossa excellencia, nessa empreza, sem estar absolutamente seguro do que vamos fazer, sem ter angariado todos os elementos de victoria. Não viu nos jornaes, no *Diario Official*, que o governo está amedrontado da situação creada pelo desastrado convenio sobre as Missões? O governo cavou a sua impopularidade e sabe, com razão, que ninguém se apresentará a amparal-o no momento em que se revoltar a alma deste povo traído, vilipendiado. Elle sabe que o exercito e a marinha não supportaram a offensa á integridade do nosso territorio, aos nossos direitos. Elle sabe que dentro do palacio Itamaraty, entre os seus auxiliares e conselheiros, existem adversarios intransigentes desse acto que destróe todos os entusiasmos gerados pela surpresa de 15 de novembro. O governo sente-se fraco, embaraçado num máu passo; por isso, exorta a nação a esperar com calma, a não se deixar guiar pelos conselhos subversivos da imprensa, de um falso patriotismo que arriscaria a um desastre a obra da revolução.

A marquezia ouvia commovida.

— Si perdermos esta occasião — continuou Leonel — está occasião incomparavel, devemos abandonar todas as idéas de resistencia, de restauração. Devemo-nos submeter vergonhosamente... Nunca mais teremos oportunidade tão preciosa, nem poderemos reunir, como agóra, tanta gente de selecção para nos ajudar.

O dr. Leonel fez outro movimento para partir, mas a marquezia o deteve de novo.

— Espere — disse ella, num tom resolutivo, vencendo a vacillação que se lhe figurava uma fraqueza. — Espere um pouco.

E depois de espreitar a sala de jantar, onde Oscar passeava absorto, subiu com immensas cautelas ao primeiro andar, donde regressou sobraçando um embrulho.

— Aqui tem o dinheiro — disse baixinho. — Parta immediatamente. Não desejo que o vejam aqui.

— Eu bem sabia que vossa excellencia não recuaria. O amor á monarchia venceu afinal a hesitação natural de uma senhora tão digna, tão nobre.

— Parta, parta!...

— Nós, soldados da restauração gravaremos o nome de vossa excellencia no coração e nas paginas de oiro da historia...

— Fale mais baixo, parta pelo amor de Deus. Eu não estou só; Oscar pôde ouvir-nos.

— Em poucos dias, vossa excellencia ouvirá os hymnos da victoria.

— Peço-lhe que me não comprometta.

— Fique tranquilla. Vossa excellencia não apparecerá. Os nossos amigos ignorarão donde lhes veio o auxilio decisivo. A mão que nos forneceu o instrumento de victoria ficará occulta na treva do mais absoluto segredo, até o momento em que viermos beijal-a, victoriosos. Confie em Deus, que proteje o Brazil. Si cairmos no campo da lucta, rogue a Deus pelas nossas almas de patriotas. Até o grande dia, senhora marquezia, até o dia, a aurora da restauração, da liberdade da nossa patria querida.

Os olhos do dr. Leonel faiscavam de alegria através dos grandes occulos. Elle curvou-se numa reverencia agradecida baixando ao assoalho o seu enorme chapéo de feltro de abas largas.

Assegurando-se de que elle partira pelo ranger do portão, a marquezia ficou um instante a se recompor da commoção daquelle encontro, antes de regressar á sala de jantar, onde ouvia a voz forte de Gião, conversando com Oscar.

O antigo feitor viéra providencialmente para desfazgar o embaraço da marquezia, poupar-lhe o constrangimento de explicar a Oscar aquella estranha visita ou revelar-lhe toda a verdade.

— Estava eu a dizer aqui ao capitão — disse Gião, com maneiras humildes, que a sua nova posição social não conseguira ainda modificar — que depois de ter andado pelas sete partidas do mundo, deveria dar um pulo até ao nosso estabelecimento.

— Já pensei nisso — observou a marquezia.

— Qual! Vossa excellencia, como todas as senhoras da Córte; quero dizer da capital da Republica...

— Da Córte deve dizer — atallhou a marquezia, com insistencia.

— Eu peço perdão — replicou o Gião, muito vexado — mas eu agóra sou todo governo. Nós lá, eu, o doutor Sumner e o padre Paulo, somos as influencias que dirigem a politica. Todos aquelles barões, ricos, cheios de farofas de aristocracia, estão todos republicanos. Em politica, é o que eu digo: é alli... voto de caixa...

— Você, então — inquiriu Oscar, accentuando as palavras — é influencia politica?

— Muito contra a minha vontade, porque seria melhor e mais lucrativo ficar todo entregue ao meu negocio, cuidando do futuro da familia. Mas... deram-me a patente, metteram-me em funduras e fui tomando gosto pela politica, que é como o comer e o coçar... Além disso, ninguém desdenha certas considerações, a importancia... Só esse gostinho de mandar trancafiar no calabouço um malcriado, um desavergo-

nhado... Outro dia, um confiado me falou em direitos de cidadão com ares de me faltar ao respeito. Então disse-lhe por aqui assim: olá, sen aquelle; veja lá como se porta. A lei aqui, abaixo do Deodoro, sou eu...

E o Gião sorria, satisfeito.

— Mas como ia dizendo—continuou

— Eu teria muito gosto que fôsem passar alguns dias naquelles ares da roça. Isto aqui não anda bem. Póde, dum momento para outro, sair uma agua suja e é melhor que a gente saiba disso pelos jornaes.

— Ouviu alguma coisa? Que quer dizer—perguntou anciosa a marquezia.

— Vossa excellencia sabe que uma creatura como eu váe ouvindo um dito daqui, outro dacolá e, no fim de contas, fica com a cabeça cheia. Anda por ali um *zum-zum* de revolução, de levante contra o governo... Que sei eu? Essas coisas me entram por um ouvido e saem pelo outro; eu, porém, por via das duvidas, vou andando para a roça.

— Quando parte? — perguntou a marquezia.

— Amanhã, pela madrugada, si vossa excellencia não mandar ao contrario. Eu vinha desta feita pedir as suas ordens.

— Lembranças ao doutor Sumier e ao padre Paulo. Quando menos esperarem, eu e o Oscar iremos lá passar alguns dias.

— Qual! Isso fica em promessa — disse Gião, despedindo-se com mil cortezias amáveis — Seria tamanha felicidade para nós recebermos a visita da nossa protectora... Enfim, senhora marquezia, levo a promessa. Já não é pouco a esperança... Que esperança...

Gião desapareceu repetindo a palavra esperança em tom de ironia.

A marquezia e Oscar ficaram, um defronte do outro, embaraçados, enleados como dois cúmplices de vergonhoso crime.

— Ouviste de Gião o que se diz?... murmurou ella, commovida.

E como Oscar não respondesse, ella se acercou d'elle mausamente, num suave e voluptuoso movimento de felino, e tomando-lhe as mãos, murmurou num tom q'ua traía o pranto represado:

— Está zangado commigo?

— Eu? — tornou Oscar, brandamente — Não tenho de que. Empeñei a minha palavra. Demais, tu sabes que tens sobre mim o direito de vida e de morte.

— Não me fales assim. Eu não te arriscarei. Necessitava, sómente, fazer de ti o meu confidente. Seria uma deslealdade, sem nome; lançar-me nessa empreza sem que tu, meu filho adorador, soubesses. O teu compromisso para commigo é simplesmente o do silencio. Imagina que nada sabes, que eu nada te disse dessa arrojada

tentativa para a realização do meu sonho?...

— E a honra?...

— A honra? — repetiu ella, recuando timida. — A honra é o destino da tua patria, salva-a do opprobrio. Pensaram por ventura na honra, na honra militar, no juramento de fidelidade os traidores que proclamaram a Republica? A victoria justificou o crime, mas não matou o direito de represalia, o direito de reivindicação. Os teus escrupulos são pueris. Não vês Deodoro, Benjamin Constant, Floriano Peixoto? Quem lhes lança em rosto o olvido da honra militar? Todos se curvam reverentes deante delles, todos lhes louvam o acto meritorio. Si vencermos, tu serás o homem do dia, a nação inteira applaudirá o teu patriotismo: ninguem se lembrará da tua posição de confiança junto do governo. O esplendor da victoria offuscará tudo...

— Tens razão, tens razão — murmurou Oscar.

— Demais, tu não apparecerás; tu surgirás no momento; ninguem saberá que te communiquei a conspiração. Conhecem todos as minhas idéas, mas ninguem sabe que eu auxilio esse punhado de homens decididos, que não hesitam deante de melindres banaes, quando se trata de uma causa santa, a mais santa das causas. É por ti, principalmente por ti, meu querido Oscar, que eu me consagrei a essa idéa, que será uma loucura, uma temeridade, um absurdo, mas é um anhelo que vem daqui, do coração. Si, entretanto, não me justificas, si a tua consciencia, o teu dever militar te accusam de cumplicidade, eu... restituo a tua palavra, váe...

— Guilinha! — bradou Oscar, num assomo indignado...

— Meu filho, meu adorador, filho, perdôa-me, perdôa-me...

(Continúa.)

ARMADA NACIONAL

Ainda a administração do almirante Mello. — Sua intervenção politica no governo do marechal Floriano.

O material da nossa armada era, então, tanto ou mais reduzido do que o é actualmente; mas, a despeito disso, só para o estrangeiro saíram: o *Almirante Barroso* para uma viagem de circumnavegação, sendo seus officiaes rendidos em meio da viagem, para que tivesse direito a uma longa commissão o maior numero possível de officiaes; uma divisão composta pelo *Aquidaban, Republica e Tiradentes*, foi aos Estados Unidos por occasião da abertura do certamen commemorativo

da descoberta da America, e a *Primeiro de Março* saíu para uma longa viagem ao Atlantico do norte. O *Riachuelo* preparava-se para seguir para a Europa afim de soffrer concertos que o modernizassem, quando o almirante Custodio de Mello deixou o ministerio.

Não havendo navio prompto, em fins de 92, para sair com guardas-marinha alumnos em instrucção, elle os fez embarcar em um paquete do Lloyd Brasileiro, linha do norte, para realizarem a viagem redonda entre o Rio e Manáus.

Comprehendendo que a verdadeira instrucção, na marinha de guerra, só podia ser dada em esquadra e não em navios isolados, o almirante Mello organizou uma esquadra de evoluções, a melhor que podiamos construir e que esteve em campanha entre Ilha Grande e Rio de Janeiro.

Afim de augmentar o nosso material, e sabiamente sujeitando esse augmento a um objectivo fixo, mandou abrir concorrência na Europa para a aquisição de dois couraçados guardacostas, dois cruzadores e alguns torpedeiros, tendo abandonado a pasta antes de escolhida alguma proposta.

Esse plano de augmento foi o depois aproveitado para a aquisição de novos navios, numa epocha em que era facil fazer as encomendas, mas em que era impossivel satisfazer os encargos dellas resultantes.

Deu regulamentos novos a todas as classes annexas, e, para que esses regulamentos fôsem justificados, pretendeu elevar o nivel de educação da classe de machinistas, associando a sua escola á Naval, afim de que pudessem se tornar dignos do novo regulamento e das posições que este lhes assegurava. Infelizmente, porém, sua gerencia na pasta foi menor de dezoito mezes.

Desejava reformar radicalmente o ensino na Escola Naval, que já vinha, naquella epocha, esboçando o espectáculo de desmoralisação a que haviam de levar-a os que nella ministrassem o ensino; mas o *benemerito* Congresso Nacional negou-lhe auctorisação para augmentar despezas. Ainda os nossos *notaveis* legisladores lhe negaram creditos ou não se occuparam com as medidas propostas para a creação de escolas de artilharia e torpedos e desenvolvimento das escolas de aprendizes marinheiros.

Pretendia, com razão, extinguir o corpo de infantaria de marinha, convencido de que, no estado da nossa marinha de guerra, mais valia aproveitar os serviços do pessoal, que o compunha, no corpo de marinheiros nacionaes.

Obedecendo á sua orientação, tinha já preparado o regulamento das prefeituras maritimas; sua retirada do

gabinete não consentiu que se levasse por deante esta idéa.

* *

Infelizmente, o momento politico não era propicio ao almirante Mello.

Chefe de um movimento levado a effeito para restaurar o regimen constitucional, teve de chamar ao poder, em obediencia á Constituição, o vice-presidente da Republica.

Seu espirito, como já dissemos, superiormente educado, quer profissional, quer politicamente, via sobretudo, no momento, dois graves problemas que resolver: o desenvolvimento da marinha de guerra e a salvação do prestigio do governo do abysmo para que marchava.

Nos Estados, até ha pouco sujeitos ao regimen de centralisação do Imperio, que os asphyxiava, nascia agóra um espirito de revolta, natural reacção, contra o governo central. A eleição do primeiro presidente não obedecera nem consultára interesse ou orientação de nenhuma sociedade politica; o segundo presidente subira trazido por uma revolta de militares; o prestigio dos chefes que dirigiam os Estados não chegava até ao centro; muitos logares nas representação federal e na estadual mesmo, fôram preenchidos por creaturas e por influencia do governo federal; agóra, organisadas as antigas provincias sob o regimen da federação, livres de peias, os chefes politicos, despeitados pela quebra daquelle prestigio, reagiriam por certo. Abria-se a lucta entre as duas politicas: a dos Estados e a do centro. Nem foi outra a causa sinão o choque dos interesses das duas, pôde-se asseverar, que deu origem á violentissima opposição ao marechal Deodoro, no seio do parlamento, opposição que o levou ao extremo de dissolver o Congresso. E tanto é isso certo que, só mais tarde, quando a politica do presidente se viesse a apoiar na dos governadores, é que iriamos assistir ao spectaculo da transformação do Congresso em rebanho docil, num apoio incondicional ao governo federal; as poucas ovelhas que se transviam da trilha desse apoio, não deixam, no entanto, de acompanhar servilmente os pastores dos seus Estados.

* *

Voltemos, porém, á situação politica em 23 de novembro.

No exercito, que tivera maior inge-rencia na politica, pullulavam os Benjamin Constant em miniatura, todos sonhadores de republicas idéaes, das quaes todos eram tambem salvadores.

O marechal Floriano não passava dum soldado ignorante, em que peze

aos que, através das lentes de um fanatismo ridiculo, de uma gratidão respeitavel ou de uma hypocrisia repugnante, nelle vêem o «Washington sul-americano», o «consolidador da Republica». Era um apathico e tinha nma capacidade maxima de resistencia passiva; indolente, commodista, accetaria a responsabilidade das maiores perfidias praticadas em seu nome, só para não fugir aos seus habitos, para não provocar uma situação anormal, — incapaz, como era, de qualquer iniciativa violenta, ou só vigorosa. Embóra contrariado, intimamente rebelado receberia a tutella do primeiro que lh'a impuzesse, desejoso de a ver extincta, mas impotente para, por si, extinguil-a. Aceitára o labéo de traidor a 15 de novembro de 89 e o merecera; fôra uma figura apagada no governo provisório e figura apagada foi como vice-presidente; entre 3 e 23 de novembro, fechára-se no seu egoismo, na sua indolencia, tendo sciencia do que se tramava e, ao mesmo tempo, promettendo ao marechal Deodoro acompanhá-lo como «carneiro de musica de batalhão», phrase sua que bem o define mas á qual lhe esqueceu ajuntar:—vencedor.

Que seria seu governo si aquella tutella não coubesse a um braço forte, a um cerebro vigoroso? Fatalmente elle abandonar-se-ia ou á politica dos Estados ou ao exercito.

O almirante Mello logo o comprehendeu. Sem paixões na vida politica, que apenas encetára, acompanhára, analysando, todos os acontecimentos. Comprehendera que a eleição do marechal Deodoro fôra um triumpho do elemento militar; comprehendera que a opposição violentissima no seio do Congresso, não era sinão o assalto dado ao poder pelo elemento politico, delle temporariamente afastado, e, enfim, comprehendera que o governo que se iniciava a 23 de novembro teria por objectivo predominante salvar o prestigio do governo federal, livrando-o de ambos aquelles elementos. Que pulso o conseguiria?

Entre o elemento civil, por certo muitos havia com desinteressé para levar a cabo tal tarefa; nenhum, porém, tinha o prestigio necessario. Entre os chefes militares, qual, sinão elle, teria desinteresse e prestigio para tanto? No exercito, não havia, de facto, nenhum general que dispuzesse dessa força; na armada, só o almirante Wandenkolk, mas esse era, politicamente, um desorientado. Assim, o almirante Mello accetou o papel de director politico daquelle governo.

Director politico desse governo, foi principalmente por sua influencia que se decretou a refôrma violenta dos 13 generaes signatarios do manifesto de 7 de abril.

Rasgon-se a Constituição, é facto; mas foi o golpe mais profundo vibrado no militarismo e ninguem contestará que muito contribuiu para firmar o prestigio do governo, muito embóra levantasse grande opposição essa audacia, que dantesninguem tivera e que ninguem, é bem de crel-o, naquelle momento, teria.

Foi ainda por influencia sua que se fizeram deposições de governadores. Rasgon-se novamente a Constituição. Os beneficios dessas deposições não appareceram por circunstancias ultteriores; mas o que vale essa Constituição na parte que se refere ás relações entre o governo federal e os dos Estados, ali estão a demonstral-o essas oligarchias escandalosas, já tão tristemente celebres, e essa necessidade que tem o governo federal de curvar, em cada Estado, sua vontade, ás do regulo que ali governa, para poder contar com o apoio da bancada que representa esse Estado no Congresso federal.

De facto, com a nossa carta fundamental de 24 de fevereiro e os nossos costumes eleitoraes e politicos em geral, nunca poderá existir um equilibrio entre o governo da União e os dos Estados. Ou aquelle, para poder fazer util, fecunda administração, viverá na dependencia destes, sem o que perderá o apoio, a coadjuvação do Congresso, ou impor-se-á pela força.

Mas, o almirante Mello errou; errou, não pelo facto, em si, de ter contribuido para que o marechal Floriano rasgasse a Constituição, porém por que, ministro apenas, sem responsabilidade effectiva dos seus actos, deveria ter comprehendido que nem sempre poderia impôr, absoluta, soberana, a sua vontade, e elle não o comprehendeu. Nasceriam, por certo, attrictos no seio do governo, e esses attrictos o forçariam ou a renunciar só ao papel de director politico, ou ao cargo de ministro e, com este, aquelle tambem. O marechal Floriano, coherente sempre com o seu procedimento anterior, começava já a compartilhar, com o exercito e com o elemento politiquero, a tutella que o almirante Mello lhe impuzera; e este, que positivamente não era de molde a servir de méro secretario a um soldado ignorante, abandonou o governo. Sua acção fôra, pois, sem resultado.

Afastado do governo, este caíu immediatamente nos braços da politica-gem e do militarismo.

Ao almirante Mello succedeu na pasta da marinha o almirante Firmino Chaves; nada fez.

A 6 de setembro, explodia a revo-

lução da Armada. O almirante, que procurára afastar sempre sua classe da influencia perniciosa da politica, servia-se desta agóra, como chefe politico: nem outra arma havia que se pudesse, então, manejar.

O fracasso da revolução foi a derrocada da marinha de guerra. Passando por sobre essa, cuja historia ainda não está feita, proseguiremos no estudo da armada nacional de 94 até ao presente.

TONELERO.

UM MARIDO

— É' uma esplendida creatura! — dizia da sacada um rapaz que a vira entrar pelo braço do marido.

— Como é feliz o ladrão! — lastimava outro. Depois de tantos annos de casados, ainda se namoram como noivos. E' venturoso, o bandido! Quem me déra estar na pelle do miseravel, vinte minutos apenas!

Isto pensavam e diziam os rapazes.

As senhoras pensavam exactamente como elles; mas diziam coisa diversa. Aquellas que por ventura tinham ouvido a opinião desses paudegos, faziam um momosinho de desdém e murmuravam entre si:

— Como vem mal vestida! É' bonita, mas o *plissé* da gólla está a comer-lhe as orellias.

— E' muito exaggerada. Olha a anquinha. P'ra que aquillo tudo?

— Repara como estão brancas de pó as pestanas. Quem não dirá que antes de vir, teve de ir ao padeiro!

Riam e continuavam.

— Elle.

Ao marido é que se referiam.

— Elle é mais bonito do que ella; pelo menos, não préga aos labios aquelle sorriso assucarado, que não parece natural.

— E' uma affectação, Jesus! Sempre ao pé delle, namorando-o para se mostrar, como quem quer fazer inveja. Que coisa feia!...

— Uma porcaria! esganiçou-se uma quarentona, que chegára áquella idade patriarchal, sem ter visto as uvas da Chanaan chamada casamento.

— Uma porcaria! repetia ella. Si são felizes, guardem para casa a sua felicidade, e não venham fazer papel ridiculo numa sala de baile. Outr'ora, os casados eram mais serios. Hoje... é aquillo que se vê.

E todos, moças e vellias, rapazes e velhotes roíam-se desesperadamente de inveja.

E o par triumphante entrava na sala, illuminado pelo seu mais bello sorriso de ventura.

Ella não era tão bonita, como pensavam os moços, nem tão mal amanhada, como diziam as senhoras. Era um termo médio, que podia inspirar enthusiasmo, e inspirava com effeito; porque a brancura de hostia da garganta, a elegancia toda meridional, a carnação americana, cheia de seiva e de sol, tinham uma certa vibração venusta, que communicava aos corações um suave magnetismo e fazia pensar em repouso, em sombras frescas, em montanhas, em nesgas de floresta.

Era chic, era mesmo muito *pschut*, o demonio.

Elle, o marido, na plenitude de sua felicidade, tinha certo ar arrogante, que o tornava um tanto imbecil, mas que a gente facilmente perdoava; porque naquella ebriedade nem podia saber o que fazia. Não era bonito, mas parecia um homeu feliz. Com o sobrecasaco inglez abotoado até á gólla, uma lagrima de diamante entre as dobras da gravata, uma *rainha victoria* na *boutonnière*, a pastinha chata luzindo sobre a testa, onde se viam os primeiros estragos da calvice, — dava elle aos labios grossos e sensuaes um tom de suprema ventura ao sentir-se envolvido por um olhar da mulher.

E felizes, risonhos, occupados de si a fazer inveja aos demais, dansavam a noite inteira e retiravam-se ás duas da madrugada, depois de rodopiarem ao ultimo compasso da walsa.

Na rua, quando já ninguem os podia ouvir, continuavam o seu venturoso idyllio.

— Tu te portaste mal, hoje...

— Como me portei mal? Não sei o que queres...

— Não me obrigues a dizer claramente as coisas, que sabes perfeitamente.

— Bom! Já sei: temos scena. Deixa isso para amanhã, filho. Vamos dormir que estou muito fatigada.

— Si valsaste tanto... e elle valsava tão bem... Não te podias fatigar.

— Porque!? Não sei ainda aonde vâes dar, mas com certeza é a uma das tuas. Mas dou-te a minha palavra que me não incommodam mais as tuas

injuriosas suspeitas. Não te respondo nada.

E calou-se.

Elle continuou a moer.

Que era uma vida desesperada, sem socego, porque sua mulher não tinha o espirito bem claro para ver a inconveniencia de certas acções. Que estava determinado a não leval-a mais aos bailes. Bem sabia ella que elle a amava; por isso, é que soffria com suas asperezas. Si não a amasse, que lhe importaria o seu procedimento? Era ciumento; não podia mais negal-o. Muito ciúme mesmo! Mas porque não o poupava a essas amarguras? Porque valsava? não lhe tinha pedido tantas vezes?

E pedia e humilhava-se. Dizia que a adorava; rogava-lhe que não lhe negasse o seu coração.

A mulher caminhava ao lado, silenciosa, mais visivelmente irritada. Viuham-lhe á mente coisas... de fazer o parvo do marido partir a cabeça nas pedras da calçada.

Mas o importuno continuava a amolar-lhe a paciencia com lamurias, que lhe davam, a ella, vontade de tel-o de baixo dos tacões.

Entraram em casa. Duas e meia da madrugada. Uma luz de lamparina allumiava fracamente o corredor.

Ella estava tão irritada, que lançou ao chão a *saída de baile*, e atirou-se para a alcova. Rasçou o phosphoro, accendeu o bico de gaz e poz-se a desvestir-se, com os dedos tremulos e uma ruga entre os olhos, que era nella signal de proxima explosão.

O marido entrou logo após, e sentou-se já tambem irritado pelo silencio obstinado que ella guardava.

— Mas debes confessar que não é bonito uma senhora casada valsar duas, tres vezes, com um rapaz. Sei que és leal, mas o mundo aproveita tudo para falar e denegrir as reputações. Amo muito o meu nome, e, como minha mulher, tens obrigação de afastar delle qualquer suspeita. Queres então que eu seja ridiculisado por uns imbecis, que nada são e nada valem! Pois é preciso dizer que não recuo nem deante de uma morte para defender o meu nome. Bem sabes que sou capaz...

Ia começar as ameaças, quando a mulher se voltou, rapida, sobre os calcanhares e gritou em face:

— O que sei é que tu és um idiota!

Elle perturbou-se e gaguejou uma phrase acerba.

— Eis aqui... continuou a mulher, com o espartilho na mão, os hombros humidos de suor resplandecendo á luz do gaz, o penteado meio desfeito, mostrando as pernas carnudas mettidas em meias côr de granada.

— Eis aqui para que uma mulher se caza: para ouvir de seu marido a injuria que não ouviria de ninguem no mundo. E porque? Sómente porque esse marido é um idiota, que se não respeita, que não se conhece, que quer impor-se ao amor de sua mulher, como um prego a um cepo, brutalmente, a golpes de martello. E porque não consegue, insulta. Fique sabendo, porém, de uma vez por todas, que sei respeitar-me, não por sua causa, mas porque me tenho em muita conta! E faça-me o favor de afastar-se enquanto reformo a *toilette*.

Era a primeira vez que o despedia. Também nunca elle a tinha tão acerbamente injuriado.

A voz da mulher era tão imperativa, sua mão vibrava tão nervosamente o espartilho, que o marido ergueu-se e saiu.

— Que inferno, meu Deus! exclamou ella, de dentes cerrados, fechando o trinco.

Tomou depois um penteador, poz os pésinhos nús num pantufo de seda e foi para a cama a pensar naquelle marido *cacete* e injusto que a injuriava com seus estúpidos ciúmes.

Elle, posto fóra da alcova, foi-se para a sala, cauteloso para não escandalizar os da casa. Ia desolado o infeliz. O *paletot*, ainda abotoado, deixava ver os punhos e o collarinho conspurcados de suor. O cabelo, em desordem; a rosa da *boutonnière*, desfolhada. Todo elle tinha um ar de fadiga e de desgosto, cheio de suspiros tão comicos, como as unhas que deixava crescer enormemente nos dedos mendinhos. A vista da figura, até a mulher rir-se-ia, si não estivesse tão offendida.

Pensou em voltar para o quarto, mas acanhou-se. Preferiu despir o casaco e espichar-se no sofá; em enquanto a mulher mettia-se entre os frescos lençóis da cama, o pobre diabo ralava-se, atucanado pelas muriçocas.

VIRGILIO BRIGIDO.

XADREZ

3.º TORNEIO DO CLUB DOS DIARIOS

Está a decidir-se a lucta. Os premios disputam-se agóra apenas entre quatro concurrentes: José Piza, Theophilo Torres, Raul de Castro e Henrique Costa. Tal a situação no dia 30. No proximo numero, publicaremos o quadro geral com as observações que ocorrerem. Nessa data, era este o resultado:

José Piza	—	13
Raul de Castro	—	12 1/2
Theophilo Torres	—	12 1/2
Henrique Costa	—	11
Heitor Bastos	—	10 1/2
Augusto Silva	—	9 1/2
R. S. Quayle	—	9
Annibal Pereira	—	8
Frota Pessoa	—	8
Ed. Tito de Sá	—	7
Godofredo Cunha	—	7
W. B. Hentz	—	6
Q. Bocayuva Junior	—	6
Vicente Ouro Preto	—	5 1/2
Armando Burlamaqui	—	3 1/2
Alvaro de Andrade	—	3
Libanio Lins	—	1 1/2

W. B. Hentz e Q. Bocayuva Junior, depois de terem jogado, o 1.º 11 partidas e o 2.º 13, abandonaram o torneio. As cinco partidas que o 1.º deixou de jogar com Alvaro de Andrade, Armando Burlamaqui, G. Cunha e Raul de Castro foram contadas a estes como outros tantos pontos; da mesma sorte, as que o 2.º deixou de jogar com Annibal Pereira e Armando Burlamaqui. Finalmente, a que Hentz e Quintino deviam jogar entre si foi contada como 1/2 ponto para cada um. Faltam apenas duas partidas de Henrique Costa contra Theophilo Torres e Raul de Castro. Bem se vê que nada se pôde palpar quanto ao resultado final, pois da sorte destas duas partidas depende a victoria de dois quaesquer dos 4 concurrentes. E' muito provavel que haja empate em um ou em ambos os logares; neste caso, jogar-se-á um *match* de desempate.

— Os premios do torneio estão ha muitos dias expostos no Salão do Club dos Diarios e consistem: o 1.º em um artistico tinteiro de bronze, representando uma pastora; o 2.º, em uma estatueta tambem de bronze (estudo).

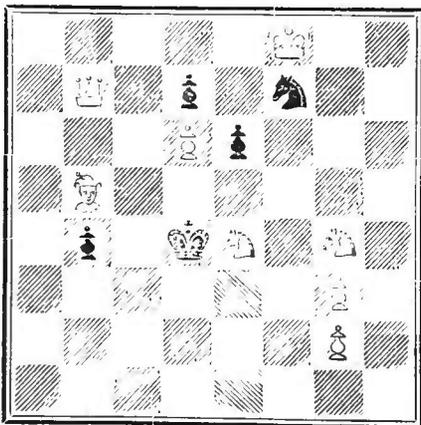
— Occorre lembrar que no 2.º torneio foram premiados Henrique Costa em 1.º logar e Theophilo Torres em 2.º.

— Publicamos hoje mais um interessante problema dos nossos assíduos colaboradores de S. Paulo.

PROBLEMA N. 25

Tacito & Lipmann

PRETAS (5)



BRANCAS (8)

Mate em tres lances

PARTIDA N. 26

(Jogada no torneio do Club dos Diarios a 25 de outubro de 1905)

PARTIDA DO P B R.

Branças (José Piza)	Pretas (Vicente Ouro Preto)
P 4 B R	— 1 — P 3 R
P 4 R	— 2 — C 3 B R
P 5 R	— 3 — C 5 R
C 3 B R	— 4 — B 4 B
P 4 D	— 5 — B 3 C D
B 3 D	— 6 — P 4 D
C D 2 D	— 7 — B × P
C × B	— 8 — D 5 T x
P 3 C	— 9 — C × P
C D 3 B R	— 10 — D 6 T
P × C	— 11 — D × T x
B 1 B	— 12 — P 3 C D
B 3 R	— 13 — B 3 T
R 2 B	— 14 — B × B
D × B	— 15 — D × D x
T × D	— 16 — P 4 B D
C 5 C D	— 17 — C 3 T
C 6 D x	— 18 — R 2 R
C 5 C	— 19 — T D 1 B R
P 5 B	— 20 — P 3 B ?
C × P R	— 21 — P × P
C × T	— 22 — T × C
C 5 C	— 23 — T × P x
R 2 R	— 24 — T × T
R × T	— 25 — P 5 D
B 5 C x	— 26 — R 3 R
P 3 T	— 27 — R 4 B
B 8 D	— 28 — C 1 C
C × P T	— 29 — C 2 D
C 8 B	— 30 — P 4 C R
C × P	— 31 — C × C
B × C	— 32 — P 5 B
P 4 T	— 33 — R 3 R
P 5 T	— 34 — R 2 D
P 6 T	— 35 — R 1 B
P 7 T	— 36 — R 2 C
P 4 C R	— 37 — P 3 T
R 2 B	— 38 — P 6 B
P × P	— 39 — P × P
R 3 B	— 40 — abandonam

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 24 (Ferber) D 3 C.

JORÉ GETULIO.

Vendem-se collecções dos « Annaes », ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, e primeiro semestre de 1905.

Diz um relatório do chefe da policia de Londres, que as forças de que dispõe essa antoridade compõem-se de 30 superintendentes, 539 inspectores, 2.140 *sergents*, e 14.129 *constables*; total, 16.816 funcionarios.

Cerca de sessenta por cento desse pessoal faz o serviço nocturno.

A grande metropole tem mais 27 kilometros de extensão e a área de 1.000 kilometros quadrados. O numero, portanto, de policiaes é relativamente insignificante.

O anno passado, responderam no fóro policial 34.000 réos por delictos policiaes por infracção de posturas 79.566.

Ficaram feridas em accidentes de rua 10.384 pessoas, morreram em accidentes 155.

Pela estatistica, o numero de crimes váe diminuindo. Deram-se em 1904 126.630, sendo condemnados 104.595 réos.